



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**O JORNALISMO E O PÂNICO: ANÁLISE DO PROGRAMA TELEVISIVO BRASIL  
URGENTE**

TAINÁ FERREIRA DO NASCIMENTO

BRASÍLIA – DF

1/2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**O JORNALISMO E O PÂNICO: ANÁLISE DO PROGRAMA TELEVISIVO BRASIL  
URGENTE**

TAINÁ FERREIRA DO NASCIMENTO

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, sob orientação da Dr<sup>a</sup>. Luíza Spínola.

BRASÍLIA – DF

1/2018

TAINÁ FERREIRA DO NASCIMENTO

**O JORNALISMO E O PÂNICO: ANÁLISE DO PROGRAMA  
TELEVISIVO BRASIL URGENTE**

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Dra. Luíza Spínola (orientadora)

---

Professora Dra. Elen Geraldes (membro)

---

Professora Dr. Fernando Oliveira Paulino (membro)

---

Médica Psiquiatra Amanda Spínola (suplente)

Brasília, julho de 2018

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por toda a força e por ter guiado todos os meus passos até este momento.

Não poderia deixar de agradecer a minha mãe, Judith Ferreira por ser uma mulher tão guerreira e forte. Por ter me ensinado a ser honesta, a enfrentar as dificuldades da vida e, principalmente, a nunca desistir dos meus sonhos. Se me tornei o que sou e cheguei onde estou hoje, devo tudo a ela. Não poderia esquecer minhas irmãs Thaís Cristina e Tauany Vitória por toda força, amor e apoio. Esta vitória também é de vocês!

Sair de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais para buscar melhores oportunidades de estudo foi um grande desafio que enfrentei, afinal, não conhecia nada em Brasília. Por isso, deixo aqui minha eterna gratidão à Divina Fagundes e a sua mãe, Conceição Correa, por ter me acolhido em sua casa e me feito parte da família. Vocês foram extremamente importantes nessa caminhada e continuarão a fazer parte das minhas vitórias.

Obrigada aos amigos que me acompanharam durante os quatro anos e meio de faculdade, me alegrando nos dias tristes ou compartilhando as vitórias e melhores experiências da vida. Vocês, sem dúvida, fizeram a minha caminhada acadêmica mais especial. Vou levá-los por toda vida no meu coração.

Eu não poderia deixar de agradecer a Universidade de Brasília pela oportunidade de aprender tantas coisas, viver momentos felizes, difíceis e engrandecedores. Sempre sonhei em estudar nessa universidade e, com toda certeza do mundo, vou levar para a vida profissional e pessoal tudo que aprendi aqui. Agradeço à Faculdade de Comunicação por todo conhecimento e oportunidade.

Por fim, quero agradecer aos professores que me acompanharam nessa trajetória dando o suporte necessário para ser uma profissional competente. Em especial, a minha orientadora, Luíza Spínola, pela paciência, disponibilidade e atenção durante a elaboração do TCC. Não foi fácil trabalhar com um tema tão complexo e com uma abordagem tão teórica, mas o seu conhecimento fez com que tudo desse certo. Obrigada, de coração, a todos!

**LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1 – <i>Printscreen</i> do Brasil Urgente exibido no dia 29 de março de 2018....	30
Imagem 2 – <i>Printscreen</i> do Brasil Urgente exibido em 30 de março de 2018.....	30
Imagem 3 – <i>Printscreen</i> do Brasil Urgente exibido em 29 de março de 2018.....	30
Imagem 4– <i>Printscreen</i> do Brasil Urgente exibido em 29 de março de 2018.....	33
Imagem 5 – <i>Printscreen</i> do Brasil Urgente exibido em 29 de março de 2018.....	33
Imagem 6 – <i>Printscreen</i> do Brasil Urgente exibido em 29 de março de 2018.....	34
Imagem 7 – <i>Printscreen</i> do Brasil Urgente exibido em 26 de março de 2018.....	35
Imagem 8 – <i>Printscreen</i> do Brasil Urgente exibido em 28 de março de 2018.....	37
Imagem 9 – <i>Printscreen</i> do Brasil Urgente exibido em 27 de março de 2018.....	39
Imagem 10 – <i>Printscreen</i> do Brasil Urgente exibido em 26 de março de 2018.....	39
Imagem 11 – <i>Printscreen</i> do Brasil Urgente exibido em 31 de março de 2018.....	40

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral identificar, através do programa Brasil Urgente, veiculado pela TV Bandeirantes, os estímulos que podem auxiliar no desencadeamento do transtorno do pânico. A partir dessa proposta, buscaremos entender primeiramente, o poder simbólico exercido pela mídia e dois pontos que podem ser importantes para a criação do imaginário do medo: as imagens e a violência. Além disso, será apresentada a doença e suas formas de manifestação e um breve histórico do Jornalismo Policial. Para encontrar os elementos que podem estimular o pânico, foram assistidas, entre os dias 26 e 31 de março, 62 reportagens do programa Brasil Urgente. Nesse sentido, a análise teve como foco as narrativas, as imagens, as manchetes, a superficialidade dos fatos e a impunidade e insegurança passada nos conteúdos das matérias. Dessa maneira, vimos que o Jornalismo Policial, em específico, o Brasil Urgente, busca atingir audiência por meio do sensacionalismo. Dessa forma, o discurso dramático e sem profundidade, estabelecido nesse tipo de programa, junto com a espetacularização das imagens violentas, podem despertar nos indivíduos uma série de ansiedades e sentimentos de insegurança. Sendo assim, o Jornalismo Policial adota, muitas vezes, um discurso agressivo, apelativo e emocional. O processo estereotipado por esse tipo de jornalismo pode desenvolver, em nível menos extremista, estímulos para os medos e ansiedades. Em última instância, o desencadeamento do transtorno do pânico.

**Palavras-chave:** Mídia. Transtorno do pânico. Espetacularização. Jornalismo Policial. Brasil Urgente.

## ABSTRACT

This work has, as main objective, identifying, through the program Urgent Brazil, broadcast by TV Bandeirantes, the stimuli that can help in the triggering of panic disorder. From this proposal, we seek to understand first, the symbolic power exercised by the media and two points that may be important for the creation of the imaginary of fear: images and violence. In addition, the disease will be presented and its forms of manifestation and a brief history of Police Journalism. To find the elements that can stimulate panic were watched, between March 26 and 31, reports of the program Urgent Brazil. That said, the focus of the analyses was the narratives, the images, the headlines, the superficiality of the facts and the impunity and insecurity in the contents of the stories. In this way, we have seen that Police Journalism, in particular, Urgent Brazil, seeks to reach audiences through sensationalism. In this way, the dramatic and shallow speech established in this type of program, together with the spectacularization of violent images, can awaken in individuals a series of anxieties and feelings of insecurity. Therefore, police journalism often adopts an aggressive, appealing and emotional discourse. The process stereotyped by this type of journalism can develop, at a less extreme level, stimuli for fears and anxieties. Ultimately, the triggering of panic disorder.

**Keywords:** Media. Panic disorder. Spectacularization. Police Journalism. Brazil Urgent.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I – O PÂNICO E A MÍDIA .....</b>	<b>11</b>
1.1 Descrição do pânico.....	11
1.2 Mídia: o poder simbólico da indústria cultural.....	16
1.1 A espetacularização das imagens.....	20
1.1 A simbologia da violência.....	23
<b>CAPÍTULO II – ANÁLISE SOBRE O JORNALISMO POLICIAL .....</b>	<b>28</b>
2.1 Método e análise .....	28
2.2 Jornalismo Policial.....	30
2.3 Brasil Urgente.....	31
2.3.1 Títulos das matérias.....	32
2.3.2 Imagens: espetacularização e excesso .....	35
2.3.3 Narratividade e dramatização .....	38
2.3.4 Superficialidade dos fatos.....	43
2.3.5 Impunidade e insegurança: tensão e medo .....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>49</b>
<b>ENTREVISTA.....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>58</b>



## INTRODUÇÃO

O tema desta monografia terá como foco a conceituação do transtorno do pânico em relação ao Jornalismo Policial. A partir disso tentaremos responder à seguinte pergunta: Como o Jornalismo Policial, em específico o Brasil Urgente, estimula o desenvolvimento do transtorno do pânico?

O objetivo geral é identificar através do programa Brasil Urgente, veiculado pela TV Bandeirantes, os estímulos que podem auxiliar no desencadeamento do transtorno do pânico. Em específico, vamos descrever o pânico e seus sintomas no indivíduo. Além disso, abordaremos o que é o jornalismo policial e analisar no programa Brasil Urgente, os aspectos referentes às narrativas, às imagens, às manchetes, à superficialidade dos fatos enquanto estímulo do sentimento de impunidade e insegurança social.

Como metodologia, utilizaremos uma abordagem teórica e empírica para, primeiro, identificar os sintomas do transtorno do pânico e, depois, demonstrar como os mesmos sintomas também podem ser induzidos pelos discursos divulgados pelo Jornalismo Policial. Para tanto, faremos uma análise do Brasil Urgente, levantando aspectos que possam estimular a instauração do transtorno.

A justificativa para trabalhar com essa temática é sua relevância social. É muito importante falar de saúde mental no momento em que a espetacularização da violência, pelo excesso, parece impactar a saúde psicológica de seus espectadores, sobretudo aqueles que estão predispostos a doença. Vivemos em uma sociedade em que o medo se faz presente o tempo todo, muitas vezes, instigado pelas narrativas construídas pela mídia, em especial pelo Jornalismo Policial. Como comunicadores é de extrema importância saber qual papel a mídia desempenha nesse tipo de situação e sua influência sobre determinadas patologias.

A mídia, além de informar, também deve ser considerada como instrumento que influencia na vida dos indivíduos. E a Comunicação e a Psicologia são duas áreas de extrema importância para a sociedade e estão, de certa forma, conectadas uma à outra.

Nesse intuito, no primeiro capítulo deste trabalho faremos uma descrição do pânico, a partir de entrevista e de diferentes conceitos e visões de autores que tratam do assunto. Em seguida, falaremos do crescente papel da mídia com a chegada da Modernidade. Concluiremos o capítulo com a abordagem de dois pontos que contribuem bastante para a criação do imaginário do medo: a espetacularização das imagens e a simbologia da violência.

No segundo capítulo, vamos analisar as reportagens do programa Brasil Urgente, da TV Bandeirantes, durante uma semana e destacar pontos que acreditamos ser fundamentais para o desencadeamento do transtorno do pânico.

A escolha por analisar o programa de TV deu-se por dois fatores: o primeiro está associado ao fato da televisão, mesmo com o crescente uso da internet, continuar sendo o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros<sup>1</sup>. A televisão, como nos ensina Sodré (1978), trabalha com certa espetacularização dos acontecimentos, seja em maior ou menor grau. Esse processo é construído por meio do imagético ou figurativo, na qual cria-se uma impressão de realismo.

O segundo motivo está ligado diretamente ao fato de o Jornalismo Policial ser um segmento que utiliza do “forte sensacionalismo, o que parece ser o oposto do jornalismo televisivo tradicional”(ROMÃO, 2013,p.32). O Brasil Urgente é, então, um exemplo extremista, mas bastante pertinente. Sendo assim, acredita-se que conseguiremos exemplificar melhor a maneira como a mídia pode contribuir para o desencadeamento do pânico. Analisaremos as manchetes, a narração e dramatização, a superficialidade, a insegurança promovida pelo programa e as imagens. Por último, serão realizadas as conclusões.

---

<sup>1</sup>Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016, 63% dos brasileiros utilizam a televisão como principal meio de informação, seguido pela internet, com 26%. Disponível em <http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>. Acesso em 16 de maio de 2018.

## CAPÍTULO I - O PÂNICO E A MÍDIA

### 1.1. Descrição do pânico

O transtorno do pânico é um tipo de transtorno, que se caracteriza pela “ocorrência repentina, inesperada e de certa forma inexplicável de crises de ansiedade aguda marcadas por muito medo e desespero, associadas a sintomas físicos e emocionais aterrorizantes, que atingem nível máximo de intensidade <sup>2.</sup>” (VARELLA, 2013)

No Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais – DSM V – o transtorno do pânico é descrito como ataques inesperados e recorrentes de medo ou desconforto intenso que alcança um pico em minutos e durante o qual ocorrem quatro ou mais de uma lista de 13 sintomas físicos e cognitivos<sup>3</sup>.

Os ataques de pânico são colocados pelo DSM V de duas maneiras: os inesperados e os esperados. O termo inesperado se refere a um ataque de pânico para o qual não existe um indício ou desencadeante óbvio no momento da ocorrência – ou seja, o ataque parece vir do nada, como quando o indivíduo está relaxando ou emergindo do sono – ataque de pânico noturno –. Já os ataques de pânico esperados são aqueles para os quais existe um indício ou desencadeante óbvio, como uma situação específica que induz os ataques de pânico (p. 209).

Dentre os sintomas citados no manual DSM V, pessoas que sofrem de ataques de pânico podem apresentar: palpitações, coração acelerado, taquicardia, sudorese, tremores ou abalos, sensações de falta de ar ou sufocamento, sensações de asfixia, dor ou desconforto torácico, náusea ou desconforto abdominal, sensação de tontura, instabilidade, vertigem ou desmaio, calafrios ou ondas de calor, parestesias – anestesia ou sensações de formigamento –, desrealização – sensações de irrealidade – ou despersonalização – sensação de estar distanciado de si mesmo –, medo de perder o controle ou “enlouquecer”, medo de morrer (p.208).

---

<sup>2</sup>BRUNA VARELLA, Maria Helena. *Síndrome/Transtorno do Pânico*. Disponível em <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtornosindrome-do-panico/>. Acesso em junho de 2017

<sup>3</sup>DSM-V. Disponível em <https://bit.ly/2JPCTaf>. Acesso em fevereiro de 2018

Amanda Spínola Amaral, médica psiquiatra formada pela Universidade Católica de Brasília (UCB), servidora pública na Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal e especialista em psicologia Junguiana, em entrevista concedida, explica que o transtorno do pânico é uma subclassificação do quadro ansioso e está dentro dos transtornos de ansiedade. Dentro das classificações de transtornos ansiosos, temos ansiedade generalizada, transtornos de pânico, transtorno misto ansioso-depressivo. (Entrevista completa em anexo)

A psiquiatra utiliza a definição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID 10) para definir o transtorno do pânico, que é colocado como ansiedade paroxística episódica. “A característica essencial desse transtorno é ataques recorrentes de uma ansiedade grave: ataques de pânico. Que não ocorre exclusivamente em uma situação ou em circunstâncias determinadas mas, de fato, são imprevisíveis”, diz a especialista.

O transtorno do pânico permanece entre as questões mais preocupantes em termos de saúde mental e coletiva (SANTOS, 2009, p.14). Segundo dados do DSM V, nos Estados Unidos e vários países europeus a taxa de prevalência do transtorno é de 2 a 3 % em adultos e adolescentes. Nos EUA, as taxas mais baixas são relatadas entre latinos, afro-americanos, negros caribenhos e asiáticos americanos, em comparação com os brancos não latinos<sup>4</sup>. O aumento dos casos ocorre durante a adolescência e afeta na maioria das vezes o sexo feminino (p.210).

Em contrapartida, no Brasil, Santos (2009) afirma que não temos dados tão completos, mas estima-se que até 4% da população geral do país sofra de pânico. Uma pesquisa da Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta que 9,3% dos brasileiros sofrem com algum tipo de transtorno de ansiedade/pânico. O Brasil é o país com a maior taxa de pessoas com transtornos de ansiedade no mundo<sup>5</sup>.

Ao longo da história da ansiedade, o pânico apenas surgiu como transtorno em 1980, classificado pelo Manual de Psiquiatria DSM III (Diagnostic Statistical Manual). (SANTOS, 2009, p. 20). Ou seja, o conhecimento sobre o transtorno do pânico é

---

<sup>4</sup>É importante ressaltar que a comparação entre etnias (latino americanos, negros, brancos) apresentados pelo DSM 5 são referentes aos indivíduos que vivem nos Estados Unidos.

<sup>5</sup> Pesquisa completa disponível em <https://bit.ly/2ugQuOa> – Acesso em fevereiro de 2018.

relativamente novo na área da saúde mental, pelo menos é o que diz Ross (1995 *apud* SANTOS, 2009). Ele afirma que “ainda falta muito por descobrir sobre a predisposição genética e os fatores emocionais e ambientais que precipitam os distúrbios” (p.16).

O sociólogo Bauman (2008) aborda esse tema no seu livro “*Medo Líquido*” e afirma que o medo, aqui entendido como sinônimo de pânico, é o “nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance” (Ibid.,p.8). Dessa forma, ele mostra que o pânico ganha proporção na vida dos indivíduos em diferentes níveis e contextos:

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivos claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. (BAUMAN, 2008, p. 8).

A partir de uma análise psicopatológica, Pereira (2003) argumenta que o emprego conceitual da palavra pânico era rara e sistemática antes de ser publicado no DSM III, em 1980. Na maioria dos casos, a palavra aparecia nos quadros clínicos como “estado de angústia, passível de manifestar-se como uma crise advinda de consequência de uma situação traumática ou como exacerbação de um estado ansioso crônico” (Ibid., p.35). Partindo de um lado descritivo, o referido autor coloca o pânico da seguinte maneira:

A descrição da experiência de pânico enquanto tal choca-se com um obstáculo de grande importância: as palavras faltam durante o ataque. Em uma crise de pânico, o desamparo e o desespero do indivíduo são tais que toda tentativa de comunicação com ele parecem fadadas ao fracasso. Assim, dispomos como testemunhos somente verbalizações fragmentadas, expressas durante a crise e, principalmente, relatos tardios, isto é, feitos por alguém que não mais está em pânico. (PEREIRA, 2003, p.103)

Henry Ey (*apud* PEREIRA, 2003) acredita que o termo evoca a dimensão de desordem da crise ansiosa em que a agitação constitui um comportamento inadaptado e desordenado. Já Nobre de Melo (*apud* PEREIRA, 2003), considera no contexto psiquiátrico brasileiro, o pânico como uma emoção primária. Essa emoção primária é, segundo ele, observável desde o nascimento e está ligada à vida afetiva. “Este estado afetivo pode ser acompanhado de uma tendência à fuga, à imobilidade

e à inibição das funções vitais. O caráter *primário* do pânico dá origem a outras emoções de natureza secundária” (Ibid.,p.41).

Bauman (2008) relata as emoções de natureza secundária, descritas acima, como um medo de “segundo grau”, um “medo derivado”, que orienta o comportamento das pessoas quer haja ou não uma ameaça imediatamente presente:

O “medo derivado” é uma estrutura mental estável que pode ser mais bem descrita como o sentimento de ser suscetível ao perigo; uma sensação de insegurança [o mundo está cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou sem nenhum aviso] e vulnerabilidade [no caso de o perigo se concretizar, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou de se defender com sucesso]. (BAUMAN, 2003,p. 9)

Partindo das descrições anteriores, Santos (2009) afirma que, “na atualidade, os casos clínicos, não só do transtorno do pânico, mas também de depressão distímica, apontam para um estado de desamparo do ser humano”. Dessa forma, a autora demonstra que o medo surge das relações do indivíduo consigo e com o meio em que se insere.

Sendo assim, algumas formas de organizações sociais podem, mais do que “possibilitar o enfrentamento de perigos, gerá-los, como ocorre em uma sociedade capitalista na qual se expõe a situações que causam medo: abandono, falta de emprego, precariedade de moradia, falta de assistência, etc.” (Ibid., p.38). Ademais, programas que estimulam o medo, se assistidos com frequência, podem gerar o que consideramos um medo social.

Ao deparar-se com essas situações apresentadas pela autora, percebe-se que elas fazem parte, diariamente, do discurso dos meios de comunicação, principalmente dos jornais e programas que trazem tragédias como foco central.

Segundo Costa (2000, 2005 *apud* SANTOS, 2009), dessas novas formas de adoecimento psíquico produzidas por mal-estares da contemporaneidade, o transtorno do pânico faz parte dos “desvios” da matriz identitária da atualidade, ao lado de outras formas de adoecimento psíquicas, como a depressão, a bulimia, anorexia, etc.

Santos (2009) afirma que o transtorno do pânico não deve ser tratado apenas como “representação na linguagem de um fenômeno que ocorre no corpo, na sociedade ou na natureza, mas como parte intrínseca do discurso, e os sentidos que adquirem revelam experiências particulares com relevância para a atividade clínica”. (Ibid.,p.25). O DMS-V pondera que a taxa dos medos acerca dos sintomas mentais e somáticos de ansiedade parece variar entre as culturas e pode influenciar as taxas de ataques e transtorno de pânico (p. 212).

Dessa forma, vemos que o pânico se instaura na vida das pessoas de diversas maneiras e é causado por diversos fatores internos e externos, que podem ser intensificados de acordo com situações a que as pessoas são submetidas.

Os meios de comunicação como veremos no próximo capítulo, deixaram apenas de exercer o papel de informação e passaram a influenciar o indivíduo até na sua forma de pensar. Conteúdos de morte, com teor violento e catastrófico podem despertar sentimentos de insegurança e desamparo por parte de quem vê e dessa forma gerar ansiedades e, conseqüentemente, o pânico.

## 1.2. Mídia: o poder simbólico da indústria cultural

Para entender como o jornalismo policial pode contribuir, por meio do discurso, com o pânico, é preciso antes de tudo, compreender o crescente papel social do ambiente midiático na vida social, com a chegada da modernidade e os efeitos sobre os indivíduos. Como veremos abaixo, os meios de comunicação, além de informar, passaram a exercer forte influência no íntimo das pessoas, tanto para o lado positivo, quanto para o lado negativo.

O século XX foi um período marcado pela segunda industrialização que, segundo Morin (1975), se processou nas imagens e nos sonhos. Tratou-se da industrialização do espírito e promoveu um segundo tipo de colonização, a da alma humana, num domínio interior do homem, aonde derrama mercadorias culturais.

Sendo assim, o autor coloca que essas mercadorias foram as mais humanas de todas, pois “venderam a varejo os amores e os medos romanceados, os fatos variados do coração e da alma” (1975, p.9). Não seria a violência, então, mais um tipo dessas novas mercadorias vendidas a varejo? Mais um arquétipo estereotipado pelo discurso midiático? E que, ademais, não estaria contribuindo para a disseminação do pânico como uma patologia cultural?

O que se pode dizer é que com o crescimento da indústria cultural, a imprensa, os jornais, o rádio e a televisão despontaram e projetaram-se como a terceira cultura, ao lado de culturas clássicas, como as religiosas e nacionais. Mais tarde, foi denominada como cultura de massa<sup>6</sup> (Ibid.,p. 10).

A partir disso, os meios de comunicação passaram a exercer forte influência na vida dos indivíduos, isso porque a cultura de massa permitiu novas formas de tecnologia, de interação e se constituiu, segundo Morin (1975), em função das necessidades individuais que emergiram de cada pessoa. E acrescenta que:

A cultura de massa se torna o grande fornecedor dos mitos condutores do lazer, da felicidade, do amor, que não podemos compreender o movimento

---

<sup>6</sup> Cultura de massa é colocada por Edgar Morin no livro, *Cultura de massas no século XX*, como cultura oriunda das “normas maciças da fabricação industrial; propagada pelas técnicas de difusão maciça (*mass-media*), destinando-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (classes, famílias)”. (MORIN, 1975, p. 10).



que o impulsiona, não só do real para o imaginário, mas também do imaginário para o real. Ela não é só evasão, ela é ao mesmo tempo, e contraditoriamente, integração. (MORIN, 1975, p. 76)

Dessa forma, o referido autor mostra que o imaginário configurado pela indústria cultural, difundido maciçamente por algumas mídias, como por exemplo, o jornalismo policial, passa a direcionar o imaginário social. Além disso, todas essas transformações levaram, como mostra Giddens (1991), a um novo tipo de sistema social: a “sociedade da informação” ou a “sociedade do consumo”.

Esse novo tipo de sistema social é marcado pelo capitalismo, excesso de informações e pelas inovações tecnológicas que permitiram encurtar distâncias entre os indivíduos e estabelecer conexões rápidas com diferentes tipos de pessoas. Em contrapartida, ao mesmo tempo em que os meios de comunicação permitiram maior aproximação através da tecnologia, elas distanciaram as pessoas da realidade que vivem. Giddens (1991) utilizou para exemplificar essa situação, os conceitos de *desencaixe de tempo e espaço*.

Dessa forma, o referido autor revelou que em vez de ter entrado no período de pós-modernidade, o que aconteceu é que entramos em um período onde as “consequências da modernidade estão se tornando mais radicais e universalizadas”, como descrito abaixo:

A desorientação que se expressa na sensação de que não se pode obter conhecimento sistemático sobre a organização social, devo argumentar, resulta, em primeiro lugar, da sensação de que muitos de nós temos sido apanhados em um universo de eventos que não compreendemos plenamente e que parece em grande parte está fora do nosso controle. (GIDDENS, 1991, p. 12)

O sociólogo Bauman (2008) diz em seu livro *Medo Líquido*, que “a modernidade seria um salto grande à frente, longe dos medos, das estufas dos temores. Mas o que deveria ser uma rota de fuga tornou-se uma era de temores” (p. 8).

Isso porque dentro da mídia, existe uma cultura<sup>7</sup> em que, justamente, as imagens, os sons e espetáculos ajudaram a modelar a opinião pública,

---

<sup>7</sup> Edgar Morin descreve no livro, *Culturas de massas no século XX*, que uma cultura “constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturas ou instintos e orientam as emoções”. (Morin, 1975, p.10) E acrescenta que essa

comportamentos sociais e a visão prevalente do mundo (Kellner, 2001, p.9). Tais influências se dão, principalmente, pelas narrativas e imagens, como descrito abaixo:

A narrativa e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo. A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo nova forma de cultura global. (KELLNER, 2001, p. 9)

Dessa maneira, a cultura da mídia – por meio da cultura de massa - ao misturar e explorar os meios visuais e auditivos, cria nos espectadores/ouvintes, segundo Kellner (2001), uma “vasta gama de emoções, sentimentos e ideias” (p.9). Dentre eles, acreditamos estar o pânico.

Assim, percebe-se o poder da mídia em interferir na vida dos indivíduos por meio dos acontecimentos representados. Thompson (1998) argumentou que os meios de comunicação de massa têm uma dimensão simbólica irreduzível, ou seja, eles se “relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e também para aqueles que os recebem” (p.20). Thompson (1998) descreve as ações simbólicas da seguinte maneira:

As ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrever, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva. Usarei o termo “poder simbólico” para me referir a esta capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas. (THOMPSON, 1998, p. 20).

No entanto, esse processo de simbolização dos produtos da mídia foi, segundo Thompson (1998), fundamentalmente um processo hermenêutico, no qual os

---

“penetração se realiza por meio das trocas mentais de projeção e identificação polarizadas nos símbolos, mitos, e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam valores. Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários a vida prática, pontos de apoio prático à vida imaginária”. (Morin, 2011, p.5). Kellner (2001) afirma que a cultura “modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e a capacidade de fala, ação e criatividade”. (p.9). Ele ainda acrescenta que a cultura da mídia passou a dominar a vida cotidiana das pessoas pelo fato de passar grande parte do tempo conectado a algum meio de comunicação (jornais, rádio, televisão e cinema).

indivíduos receberam os produtos da mídia, e os envolveram em um processo de interpretação das formas simbólicas na qual adquiriram sentido:

Quando as imagens e as informações são enviadas para os indivíduos situados nos mais distantes contextos, a mídia influencia e modela o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência, influencia na construção do mundo social, naquilo que é visto e sentido. (THOMPSON, 1998, p.106)

Mas, o que todos esses pontos descritos acima trouxe de consequência para a sociedade? Contrera (2002) fala que a relação do homem com os meios de comunicação sofreu e vem sofrendo alterações, principalmente, com o crescente papel da mídia terciária<sup>8</sup>. E acrescenta que estamos “dando mais valor a essas tecnologias do que às competências comunicativas concretas por nós utilizadas”. Como consequência, a referida autora coloca que:

Se os sentidos estão no corpo, quem vai abdicando da comunicação primária<sup>9</sup> (em prol das maravilhas da comunicação virtual) vai perdendo também a capacidade semiótica<sup>10</sup>, e passa a se mover no mundo em que tudo, literalmente, não tem nem faz sentido. (CONTRERA, 2002, p.68)

Essa relação tecnológica marcada pela aceleração das informações, pela necessidade de se estar em vários locais ao mesmo tempo, de desempenhar diversas funções em questões de minutos, e o sentimento que tudo ocorra aqui e agora vem trazendo consequências aos indivíduos, chamada por Contrera (2002), de “perda do corpo”. Essa perda apresentada pela autora leva as pessoas a perda dos sentidos e, dessa forma, começam a se conectar, mas não se vinculam<sup>11</sup> e assim, o primeiro sintoma do pânico aparece:

<sup>8</sup>José Eugênio de O. Menezes, em referência à teoria da mídia desenvolvida por Harry Pross, coloca no seu *artigo Processos de mediação: da mídia primária à mídia terciária*, que na mídia terciária, as formas de interação visual e social são mantidas por meios de eletrônicos. Entre esses aparelhos estão o rádio, a TV, computadores, celulares.

<sup>9</sup>Mídia primária é colocada por José Eugênio de O. Menezes, como a relação face a face, marcada pela troca de gestos e sons. Disponível em

<https://casperlibero.edu.br/wpcontent/uploads/2014/07/Processos-de-media%C3%A7%C3%A3o.pdf>

<sup>10</sup>No livro *Mídia e Pânico* da Malena Contrera, F. Varela coloca que “todo o processo humano de semiose tem que ser pensado a partir de nossas experiências sensório-motoras, o que inclui uma recorrência fundamental aos sentidos de presentidade (tato, paladar e olfato) além dos sentidos da visão e da audição”. (*apud* CONTRERA, 2002, p.69)

<sup>11</sup>Diante da perspectiva desse trabalho, a conexão surge a partir da mídia terciária e pressupõe a distância. Já o vínculo é o que estabelece uma ligação afetiva ou emocional entre duas ou mais pessoas. Pressupõe a proximidade. Definição disponível em [www.dicio.com.br](http://www.dicio.com.br). Malena Contrera diz que “vincular significa ter ou criar um elo simbólico ou material, construir um espaço comum, a base primeira para a comunicação”. E acrescenta que “é a desconsideração do papel do vínculo para a comunicação que colabora para uma visão empobrecida sobre o processo comunicativo, muitas

Reina a ansiedade [um dos sintomas fundamentais do transtorno do pânico], uma necessidade de antecipação do futuro quase patológica, especialmente porque essa ilusão de antecipação é conquistada às custas do sacrifício das vivências corporais concretas mais primárias, da liberdade do gesto no tempo presente. (CONTRERA, 2002, p.63)

Milhares de informações catastróficas, violentas e trágicas são acessadas a todo o momento em questão de segundos. As distâncias são encurtadas através dos meios tecnológicos, porém nossa capacidade de se vincular às coisas que estão ao redor tornou-se mais difícil.

As narrativas e as imagens apresentadas pela cultura midiática, como por exemplo, programas de Jornalismo Policial, amplificam os problemas sociais e criam um cenário na qual as pessoas podem começar a sentir-se desamparadas diante de determinadas situações que surgem, e são nesses contextos que surgem as crises ansiosas, podendo levar ao pânico.

Dessa maneira, percebemos que a mídia passou a exercer grande poder simbólico em nossa sociedade e em sua constituição como mídia terciária despertou no indivíduo a possibilidade e a necessidade do “aqui e agora” e criou visões de mundo na qual tudo deve e é preciso alcançar em pouco tempo.

### **1.3A espetacularização das imagens**

Com o avanço tecnológico, o crescente papel da mídia e o poder simbólico que exerce, os meios de comunicação começaram a utilizar de um mecanismo para atrair cada vez mais a atenção dos espectadores: o sensacionalismo. Assassinatos, tragédias, catástrofes aparecem de forma exacerbada. As emoções poder ser estimuladas ao máximo.

Como descreve Angrimani (1995), o sensacionalismo é caracterizado pelo exagero, pelo apelo emotivo e pelo uso de imagens fortes na cobertura de um fato

---

vezes conferindo às trocas de informação seu aspecto central [...] Ao considerarmos os processos de vinculação, lançamos um novo sentido as relações comunicativas, evitando uma concepção de que trocas comunicativas se assemelham a meras relações comerciais e instrumentais”. (*apud* Marcondes, 2009, p.459)

jornalístico. Ou seja, o Jornalismo Policial não apenas informa, mas transforma aquilo que é mostrado em espetáculo. Cria-se uma narrativa.

No livro, *Monopólio da fala*, Sodré (1977) enfatizou que na tentativa de dizer o real, os meios de comunicação, principalmente a televisão, “constroem uma realidade na forma de sistemas de representações sociais, que baseia-se em um processo imagético ou figurativo” (p.76). Sugerindo que, as imagens apresentadas prevalecem sobre as formas discursivas.

Para falar desse conceito de espetáculo, uma grande referência é o escritor francês Guy Debord, que lançou em 1967 o livro *A Sociedade do Espetáculo*. Nele, o autor traz uma crítica principal ao consumo, à sociedade, ao capitalismo e aos meios de comunicação de massa. Debord (1967) coloca que o espetáculo “nada mais seria do que o excesso do midiático, cuja natureza, é por vezes dada a excessos” (p.99).

Ademais, o referido autor fala que no processo de espetacularização, a imagem tem um papel fundamental e a sociedade passa a “contemplar” tudo que é apresentada por meio dela. Dessa forma, ele coloca que:

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens [...] O espetáculo não pode ser compreendido como o abuso de um mundo da visão, o produto das técnicas de difusão massiva de imagens. Ele é bem mais uma *Weltanschauung*<sup>12</sup>tornada efetiva, materialmente traduzida. É uma visão do mundo que se objetivou. (DEBORD, 1967, p.22)

*Weltanschauung* é uma palavra de origem alemã. É descrita pelo PhD. e professor do Departamento de Administração e Economia da Universidade do Quebec em Trois-Rivières, Louis Jacques Filion, como:

A maneira pela qual o indivíduo vê o mundo real. Ela contém os valores, as atitudes, o humor, e as intenções subjacentes à percepção. É o que é percebido como significativo, quando a realidade que cerca a pessoa é vista

---

<sup>12</sup> A definição foi retirada do artigo “O planejamento de seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações”, traduzido por Gledson Luiz Coutinho, professor do Departamento de Engenharia de Produção da Escola de Engenharia da UFMG. Está disponível no site da Scielo em: <https://bit.ly/2t3pSQd>

através de filtros como as atitudes, os valores e as intenções. O termo está sempre associado a imagem, modelo e outras forma de representação da realidade. (FILION, 1989)

Quando se fala dessa relação com as imagens, Contrera (2002) afirma que elas são de extrema relevância, principalmente, porque constituem a nossa capacidade imaginativa, o que é fundamental para a nossa sobrevivência, pois segundo a autora, “enquanto imaginamos, estamos vivos”, e contribui para o processo de geração de vínculos desde o processo de formação do ser humano:

A capacidade imaginativa surgiu como gestora das condições da complexidade crísica do homem, abrindo-o a possibilidade de um universo imaginário através do qual ele pudesse se vincular a outros homens, por meio de uma constante ressignificação/reinvenção da sua própria natureza, ainda hoje é essa natureza imaginal, essa contingência de sermos seres imaginantes, que nos predispõe as imagens. (CONTRERA, 2002, p.42)

O problema ocorre quando o excesso de imagens começa a interferir nessa capacidade imaginária, que segundo a referida autora, foi reduzida, devido “às amplas relações da cultura de massas, a um uso bidimensional da imagem visual descartável, à visibilidade do espetáculo de rápido consumo” (p.43).

Dessa maneira, as imagens podem chegar aos indivíduos de forma excessiva, gerando impactos maiores do que realmente podem representar. Debord (1967) avalia que essa “alienação do espectador em proveito do objeto contemplado, é resultado da sua própria atividade inconsciente” e se dá da seguinte maneira:

Quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de outro que lhes apresenta. Eis porque o espectador não se sente em casa em nenhum lado, porque o espetáculo está em toda a parte. (DEBORD, 1967, p. 28)

Com isso, o exagero apresentado por meio das imagens passa a desempenhar um forte papel na disseminação de sentimentos de insegurança e medo, pois Kellner (2001) analisa que:

Os espetáculos produzidos demonstram quem tem poder e quem não tem, quem pode exercer força e violência, e quem não. Dramatizam e legitimam

o poder das forças vigentes e mostram aos não poderosos que, se conformarem, estarão expostos ao risco de prisão ou morte. Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebida de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não. (KELLNER, 2001. p. 9)

As imagens quando colocadas em excesso tornam-se, em determinados casos, a verdadeira realidade do mundo para as pessoas, principalmente, por meio da repetição, onde se constituem como elemento fundamental para a criação do imaginário. Contrera (2002) analisa que a “comunicação e seus meios, através do uso das imagens, desempenha um papel central no próprio processo vital da vinculação humana” (2002,p. 65).

Ao alterar a percepção dos espectadores sobre o que é mostrado, abre-se a possibilidade para a imaginação e diferentes interpretações para o que é apresentado. Contrera (2002), mostra que é nessa falta de profundidade do que é mostrado, que “vivem os seres da sombra que compõem nossa outra identidade” e pode ser que nesses momentos que o pânico se estabeleça.

#### **1.4. A simbologia da violência**

Outro tema importante que aparece com grande frequência no jornalismo policial é a violência. Os jornais, principalmente os sensacionalistas, “sobrevivem com base em manchetes que causam comoção. Nos noticiários, as histórias sobre drogas, crimes e desastres constituem a maioria das notícias levadas ao ar” (GLASSNER, 2003, p. 31).

As notícias trágicas apresentadas pela mídia, não apenas contribuem para a “construção de um cidadão precavido e melhor informado, mas também podem colaborar para a disseminação de um sentimento de medo e de insegurança em diferentes esferas da sociedade” (GLASSNER, 2003 *apud* MARCHI, 2015).

Ao longo do tempo tornou-se comum ver na televisão e ler nas capas de jornais notícias de catástrofes, mortes, violências e crimes chocantes. Para Contrera (2002), a mídia instalou o espetáculo em todas as instâncias comunicativas. A autora descreve que:

Enquanto as mídias se ocupam em espetacularizar a violência, explicitando-a sob formas cada vez mais grotescas, calam sistematicamente sobre outras formas de violência, em realidade promovendo sua amplificação; formas mais sutis, que engendram as primeiras, como vimos tentando demonstrar. Formas utilizadas por Pã para possuir nossos corpos. (CONTRERA, 1999, p.17)

Pã, citado acima é, segundo a mitologia, descrito como um deus que nos coloca em fuga frente à presença do “tudo ao mesmo tempo aqui e agora”. É uma metáfora para a superabundância informativa que põe nossos sentidos em fuga (CONTRERA, 1999, p.19).

Segundo Contrera (1999), a violência faz parte do “espírito do tempo” por estar tão presente nas situações comunicativas das mídias contemporâneas. Nos jornais, na televisão, no cinema, em todas as instâncias, “a violência é vista como uma obsessão temática” (ibid., p.2). E complementa:

Falar de violência é entender que ela está presente em nossas origens. O ser humano não se constrói a partir da violência, mas sim, através de seu caráter social e gregário, baseado no sentimento de pertencimento, nos processos de vinculação com o meio, a partir dos quais toda sua hipercomplexidade se constrói. (CONTRERA, 1999, p. 4)

Além disso, a referida autora acrescenta que a violência está relacionada a uma crise da competência vinculativa, dos processos de interação. Ela descreve da seguinte maneira:

Ao perdermos a consciência corporal, perdemos nossa acuidade sensorial, e ao lesarmos os sentidos de proximidade, passamos pelas coisas sem sermos capazes de nos conectarmos a elas. Ora, se nossa percepção está comprometida, e conseqüentemente nossa competência conectiva também, estamos seriamente comprometidos em nossa capacidade de estabelecermos os vínculos. (CONTRERA, 1999, p.12)

A autora descreve que estamos expostos a violência não apenas no sentido de ação, mas no circo dos horrores das mídias, na violência glamourizada dos



espetáculos, que nos leva ao que ela chama de “espírito da nossa época: o pânico” (1999. p.16).

Para obter êxito em audiência e obter lucros, Silveira (2014) pondera que a mídia passou a utilizar o sensacionalismo, “normalmente dando conta de fatos negativos, como crimes e catástrofes, disseminando o sentimento de insegurança no seio social, ocasionando o surgimento da cultura do medo” (p.296). Esses exemplos aparecem com grande frequência no Jornalismo Policial, que analisaremos no próximo capítulo. A narração e as imagens trágicas são o fio condutor desse tipo de segmento de notícia, que se caracteriza como sensacionalista.

Angrimani (1995) observou que a violência não se restringiu apenas aos programas sensacionalistas, mas se manifestou de diferentes maneiras, principalmente, pela forma como é transmitida ao público:

A violência pode ser detectada na crítica ferina, no editorial agressivo, no artigo emocional, na foto marcante, na reportagem denunciadora. Mas é uma violência “disfarçada”, “ilegível” na forma editorial, enquanto que no jornal sensacionalista a violência faz parte da linguagem e da forma de edição. (ANGRIMANI,1995, p. 57)

Essa violência exacerbada presente nos programas sensacionalistas cria um círculo social grande de insegurança e medo. Para Glassner (2003), “no mundo ocidental nascemos e crescemos numa cultura do medo. Em nenhum momento da história, seja nos Estados Unidos, seja na maioria das sociedades contemporâneas, tantas pessoas tiveram tanto medo” (p. 11). Sendo assim, o referido autor coloca que:

A cultura do medo possui forte influência na formação do imaginário das pessoas e tem como principal característica o sentimento coletivo de insegurança, provocado por percepções distorcidas da realidade impostas por setores alarmistas interessados no controle social ou na obtenção de lucro. (GLASSNER, 2003. p. 100)

Marchi (2015) aponta em seu artigo, *O papel da mídia na disseminação do medo e da insegurança na cidade de São Paulo*, uma série de pesquisadores que acreditam que a mídia jornalística seja um dos principais responsáveis pela

disseminação do sentimento de angústia que permeia grande parte dos cidadãos das sociedades contemporâneas.

Ao falar da relação dos meios de comunicação com o medo, a psiquiatra Amanda Spínola, em entrevista, disse que a mídia pode fortemente contribuir não só para o transtorno de pânico, como para quadros ansiosos em geral. Ela cita como exemplo, uma assalto. “Essa situação (assalto) deixa a vítima com o sentimento de ansiedade, apreensão, medo de acontecer de novo. De repente, liga em um canal que só fala de tragédias que estão acontecendo atualmente no mundo. Isso vai deixar a pessoa muito mais ansiosa do que estava e com certeza pode contribuir para um ataque de pânico”, avalia a entrevistada. (Entrevista em anexo)

Além disso, a especialista acredita que as imagens e notícias de violência tocam bastante as pessoas, principalmente porque a sensação que se tem é que falta afeto uns com os outros. “O desafeto faz com que os indivíduos se sintam mais vulneráveis, pois pensam que ninguém vai se importar caso sejam assaltadas ou algo do tipo. Isso deixa a vítima mais receosa de que aconteça algo e ninguém faça nada por elas. Será apenas mais um número para as estatísticas. Dessa forma, aumenta o medo e a insegurança”, analisa.

Amanda pondera que nossa sociedade está mais violenta e com o aumento do número dos meios de comunicação, as notícias têm tomado grande proporção. “Se antes havia seis canais de televisão, hoje tem 120. Se antes tinha um jornal em cada estado, hoje tem 10 em circulação. Atualmente, as pessoas têm *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e vários meios que propagam informações muito rápidas por causa da internet”, analisa. “Com o aumento das mídias, aumenta a divulgação dos casos de violência, as imagens colocadas nas redes sociais ganham proporções alarmantes em pouco tempo. Isso contribui para aumento dos quadros ansiosos e até, quadros de pânico”, finaliza a psiquiatra.

Neste capítulo foram abordados pontos que contribuem para o aparecimento do pânico, e percebe-se que as questões de vínculos estão ligadas, de certa forma. Contrera (2002) afirma que é parte do ser humano viver rodeado de vínculos afetivos. Quando começamos a perder essa capacidade vinculativa, nós perdemos a

ligação com as situações que estão a nossa volta. As imagens e a linguagem podem afetar nossa capacidade imaginativa e a maneira como recebemos e vemos as informações.

Como veremos no próximo capítulo, determinados programas de audiência, como o Brasil Urgente, apresentam diversos elementos que podem reforçar um imaginário de insegurança e medo no espectador.

## CAPÍTULO II – ANÁLISE SOBRE O JORNALISMO POLICIAL

### 2.1. Método e análise

Até agora abordamos questões teóricas sobre a síndrome do pânico revelando de que modo a mídia contribui para desencadear este transtorno. A partir da análise do Brasil Urgente, vamos apresentar elementos do jornalismo policial que parecem contribuir para a disseminação do medo e do pânico.

Para que um trabalho científico seja desenvolvido, é necessário trabalhar com um método de pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos (2003) o método é o “conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido”. (2003, p.83)

Prodanov e Freitas (2013) descrevem método como “a forma de pensar para chegarmos à natureza de determinado problema, quer seja para estudá-lo ou explicá-lo”. (p.126) Geraldês e Sousa (2006) acrescentam que um procedimento metodológico “bem definido está intimamente ligado à idoneidade da pesquisa”. (2006, p.32)

Para este capítulo será utilizado como método uma inspiração à análise de conteúdo qualitativa, que para Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014), “compreende técnicas de pesquisa que permitem descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação” (p.14). E acrescentam que:

(...) A escolha deste método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas consequentes das hipóteses e pressupostos, pela necessidade de enriquecimento da leitura por meio da compreensão das significações e pela necessidade de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas. (CAVALCANTE, CALIXTO E PINHEIRO, 2014, p.14)

Na análise qualitativa, Geraldês e Sousa (2006) argumentam que esse método se preocupa, principalmente, com a subjetividade do objeto que será pesquisado. Turato (2008 *apud* Cavalcante, Calixto e Pinheiro, 2014) acentua que:

A abordagem qualitativa aplica-se ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produto das interpretações que os seres humanos fazem de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (TURATO et al, 2008 apud CAVALCANTE, CALIXTO E PINHEIRO, 2014, p. 14).

Dessa maneira, este capítulo terá como foco as reportagens do Brasil Urgente, programa exibido pela TV Bandeirantes, de segunda a sábado, a partir das 16h. A escolha se baseia na questão do programa focar em notícias chocantes e trágicas. É importante deixar claro que, o Brasil Urgente não é o único programa que pode vir a contribuir para despertar o pânico na sociedade, mas a escolha está relacionada ao fato de suas reportagens apresentarem, exaustivamente, tragédias, mortes e violência.

Para esta análise, foram assistidas reportagens do Brasil Urgente durante uma semana, entre os dias, 26 e 31 de março de 2018. No total, foram 62 matérias assistidas. Nesse período, observamos as manchetes, as imagens, a narração e a dramatização, a superficialidade e as questões relacionadas aos sentimentos de impunidade e insegurança. O objetivo foi o de tentar identificar elementos simbólicos que poderiam contribuir para o desencadeamento da síndrome do pânico, a partir do que é apresentado nas reportagens.

É importante salientar que nos exemplos que serão apresentados ao longo do capítulo, em momento algum, foram citados os nomes dos repórteres e de familiares de vítimas que foram mortas, violentadas ou que sofreram algum tipo de violência para preservar a imagem.

## 2.2. Jornalismo Policial

As primeiras coberturas policiais surgiram na metade do século XIX, nos jornais sensacionalistas dos Estados Unidos e da Inglaterra<sup>13</sup>. Segundo Melém (2011), nesse mesmo período, surgiram na França jornais populares de uma página, que receberam o nome de *canards*. O termo “significa conto absurdo ou fato não verídico. Esses temas receberam o nome que até hoje ecoa nas redações de todo o mundo: sensacionalismo”.(2011, p. 29)

No Brasil, programas policiais e sensacionalistas surgem na TV aberta na década de 1990, com o *Aqui e Agora*, transmitido pelo SBT. O programa foi considerado “pioneiro” no formato popularesco no país e trazia manchetes escandalosas. Entre os apresentadores estavam Christina Rocha, Ney Gonçalves Dias e Celso Russomano. (RIBEIRO, 2016, p. 185) Em seguida, surgiram outros programas do mesmo gênero, como por exemplo, o *Cidade Alerta* e o *Brasil Urgente*.

Rosenzweig e Aires (2015) avaliam que esse segmento de notícia é um “modelo diferente do comum e voltado para um público com o poder aquisitivo menor”, pois com a globalização, as classes sociais A e B começaram a migrar para a TV paga. Dessa forma, os donos das emissoras buscaram nesse tipo de conteúdo, “rebanhar os telespectadores das classes C, D e E.” (2015, p. 31)

Segundo Romão (2013), o Jornalismo Policial se opõe ao jornalismo tradicional, ou seja, em vez de seguir o modelo sério, direto e imparcial, nesse tipo de segmento, tanto o apresentador quanto os repórteres, tentam deixar a notícia mais interessante, por meio de uma participação mais ativa e opinativa com a finalidade de despertar o interesse dos telespectadores. (p. 32)

Para Rosenzweig e Aires (2015), o jornalismo policial aborda situações “referentes a homicídios, drogas, assaltos, crimes, condenações e além de registros

---

<sup>13</sup> Informação retirada do texto de Moabe Giudice do Canal da Imprensa, revista eletrônica de crítica de mídia do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Disponível: [www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/PortalAntigo/canalant/84edicao/alem\\_fatos1.htm](http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/PortalAntigo/canalant/84edicao/alem_fatos1.htm) Acesso em 28 de maio de 2018.

policiais e judiciais que levam a sociedade a ter maior um alcance mais intenso sobre a segurança local, no estado e a do país”. (2015, p.33)

Nesse modelo de jornalismo, Periago (2004 *apud* Romão 2013) afirma que a notícia é transformada em um espetáculo de ficção, porque utiliza de elementos como a tensão, a criação de heróis e vilões, e as expressões orais e faciais para gerar sensibilidade. (p. 34) Quando se fala do jornalismo policial, Romão (2013) frisa que esse segmento é um produto que veio da indústria cultural, dessa maneira, é “marcado pela apelação dos fatos e estereotipação, não é apresentado elementos que contribuem para uma reflexão nova e aprofundada dos temas que são apresentados”. (p. 35). Nesse sentido, Rosenzweig e Aires (2015) acrescenta que:

As notícias sensacionais são aquelas que chocam e atraem o receptor, contudo, elas não apuradas, quase sempre sem profundidade, abordado o imediatismo, por vezes distorcendo o contexto real dos fatos originais. O sensacionalismo na mídia não é algo novo, há muitos anos a televisão tem explorado conteúdos mais apelativos, a fim de escandalizar e emocionar ao mesmo tempo. (ROSENZWEIG e AIRES, 2015, p. 33)

No Brasil, o jornalismo policial ocupa espaço considerável dentro da televisão. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), realizada entre 14 e 20 de maio de 2018, que classifica os 10 programas com maiores audiências por emissora, o programa Cidade Alerta da Rede Record e o Brasil Urgente, exibido pela TV Bandeirantes estão inseridos<sup>14</sup>. Isso mostra o quanto a sociedade brasileira consome com frequência os conteúdos oferecidos por esses programas.

---

<sup>14</sup> A pesquisa está disponível em [www.kantaribopemedia.com](http://www.kantaribopemedia.com). Acesso em 28 de maio de 2018.

### 2.3. Brasil Urgente

O Brasil Urgente é um jornal policial apresentado, atualmente, por Joel Datena<sup>15</sup>, na TV Bandeirantes. Sua exibição na grade horária da emissora ocorre de segunda a sábado, a partir das 16 horas para todo o país. O programa começa após *O melhor da tarde* – aborda questões de entretenimento – e antecede o principal jornal da emissora, o *Jornal da Band*, que começa às 19h20.

O Programa é enquadrado como jornalismo policial, no qual aborda questões sociais como comportamento e segurança pública. A maioria das reportagens são voltadas para situações trágicas e catastróficas, que são apresentadas de forma espetacularizada por parte dos repórteres e pelo apresentador do jornal. Segundo Negrini (2008), no artigo “*Autoridades sobre o olhar de Datena: uma análise do discurso do Programa Brasil Urgente*”, o jornalista apresenta o programa de forma completamente opinativo e parcial aos fatos que são mostrados:

Através de uma linguagem coloquial e opinativa, [Datena] conduz o programa como um juiz hábil a avaliar os acontecimentos sociais e as atitudes das autoridades competentes. A estrutura do telejornal é toda baseada na maestria do apresentador, que é capaz de chamar a atenção no ar dos membros de sua produção. (NEGRINI, 2008, p.2)

Sendo assim, o apresentador não se intimida ao opinar sobre os casos que são apresentados durante as reportagens. Sua gesticulação e impositação de voz são em determinadas situações grosseiras e indignadas, principalmente, quando se relacionam a falta de eficiência por parte de autoridades e a falta de impunidade sobre determinadas catástrofes naturais que ocorrem diariamente pelo país e principalmente, no estado de São Paulo, de onde ocorre a maioria dos casos apresentados no programa.

Das matérias assistidas durante a semana de análise, todas estavam relacionadas com questões de catástrofes naturais, assaltos, assassinatos e atos violentos. Abaixo, serão abordados pontos que foram observados com frequência nas reportagens e que podem contribuir para o transtorno de pânico.

---

<sup>15</sup> No período em que as reportagens foram analisadas quem apresentou o programa foi o José Luiz Datena, porém, o Joel Datena foi anunciado como o novo apresentador do Brasil Urgente desde o início de março, quando o José Luiz Datena anunciou a saída do jornal policial para apresentar um novo programa aos domingos, da TV Bandeirantes.



### 2.3.1. Título das matérias

Os títulos de uma reportagem no jornalismo são fundamentais para atrair a atenção do espectador/leitor. É o que torna a matéria atraente para quem vai assistir. Em jornais policiais exibidos na televisão, como o caso do Brasil Urgente, essas manchetes costumam ser bem chocantes. Segundo Cordeiro (2017), “o título opera o leitor, em sua lógica de leitura linear, a primeira percepção e contato com o que virá” (p.9).

Em todas as matérias, o título é escrito com letras em caixa alta. A primeira frase é posicionada sobre um fundo preto – algumas vezes colocam azul escuro como detalhe –, acompanhada de um resumo do que se trata a matéria. A segunda frase, também em caixa alta, está escrita sobre um fundo vermelho e coloca uma pequena descrição complementando a primeira frase. Ao olhar para o conjunto, letras e cores, a sensação é de algo agressivo, para impactar o telespectador.

Veja nos exemplos abaixo:



Imagem 1. Matéria exibida no dia 29/3/2018. Fonte: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/>

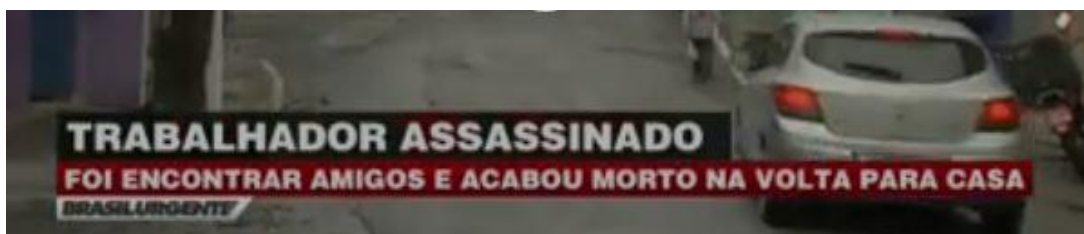


Imagem 2. Matéria exibida no dia 30/3/2018. Fonte: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/>



Imagem 3. Matéria exibida no dia 29/3/2018. Fonte: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/>

Durante as análises, foi observado que assim como o próprio programa, os títulos estão carregados de frases adjetivadas que despertam sensações. Percebe-se que o objetivo é chocar, chamar atenção. Esse discurso pregado pelo Brasil Urgente, que vai desde a manchete ao conteúdo, se encaixa em uma categoria chamada de *fait-divers*, principalmente, por trabalhar com temas sociais diversos de forma intensa e em alguns casos, agressiva.

Romão (2013) em sua tese de mestrado *Jornalismo Policial: indústria cultural e violência* coloca que o termo francês *fait-divers* significa “fatos diversos” e está diretamente ligado às notícias curiosas e intrigantes, que “chamam atenção do público pela sua excentricidade, absurdidade, intensidade, comicidade”. (p.123) E continua:

O *fait-divers* está na ilustração da notícia de gêneros diversificados e sem classificação como crimes violentos, perseguições policiais, fenômenos da natureza, aberrações, animais com cinco pernas, acidentes de carro, irmão xifópagos, escândalos, tempestades, incêndios, suicídios e etc. Esses temas estão ligados ao interesse humano porque despertam curiosidade, a fantasia, o humor. As notícias moldadas pelo *fait-divers* não exigem, por parte do telespectador, a realização de exercícios de reflexão, interpretação e associação entre os fatos porque possuem uma linguagem de fácil assimilação voltada para o coloquial. (PERIAGO, 2004, p.36 *apud* ROMÃO, 2012, p.123)

Nessa questão do título, chama atenção outro elemento importante: as cores utilizadas. As cores, vermelho, preto e azul escuro são as cores principais utilizadas não só nos títulos, mas também na composição do programa, como por exemplo, o cenário onde fica o apresentador.

Heller (2013), no livro *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*, aponta que nenhuma cor é destituída de significado e o contexto em que as cores são apresentadas é que vão dizer se os sentimentos que irão despertar serão positivos ou negativos. E a autora complementa:

Cores e sentimentos não se combinam ao acaso nem são uma questão de gosto individual – são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas em nossa linguagem e em nosso pensamento. Com o auxílio do simbolismo psicológico e da tradição histórica. (HELLER, 2013, p.21)

Ou seja, mais do que apenas representação, a cor traz em si uma teia de significados e sentimentos por parte de quem as vê. São as vivências diárias que trazem esses sentimentos. Em relação as cores das manchetes das reportagens do Brasil Urgente, o vermelho e preto junto com as tragédias apresentadas nas manchetes trazem uma série de sensações negativas.

De acordo com os diferentes significados das cores do livro da Heller (2013), o vermelho vai da cor do amor ao ódio, é a cor do sangue, do perigo, da agressividade, é a cor da guerra. O preto, de elegância ao luto, a dor, o ódio, a condenação, o fim.

É importante salientar que a autora fala que ao misturar determinadas cores, estas adquirem efeitos diferentes e quando misturamos uma cor ao preto, passa de um sentido positivo ao negativo. É o que ocorre no Brasil Urgente, o vermelho é misturado à cor preta, o que provoca sensação de choque e perigo.

Nessa mistura de preto e vermelho, temos uma quebra com o uso da cor azul, que é colocado no livro como a cor das características boas, de sentimentos bons, mas em alguns casos é considerado fria, o que se encaixa melhor para a descrição do título das reportagens.

A pergunta que fica é como as pessoas adquirem determinadas ideias sobre as cores? Heller (2013) coloca que “a melhor explicação científica é que há muito mais sentimentos do que cores, e por isso temos que associar parcialmente a cada cor sentimentos e conceitos muito diferentes”. (p.103)

Por isso, ao ler a manchete sobre um fundo de cores que trazem em si um significado forte, podem despertar nos telespectadores um estado de alerta, de perigo e medo frente ao que será mostrado.

### 2.3.2. Imagens: espetacularização e excesso

No primeiro capítulo, abordamos um tópico sobre sensacionalismo, no qual foi abordado o papel das imagens dentro dos conteúdos midiáticos e vimos o quanto são fundamentais, como disse Contrera (2002), para estimular a nossa capacidade imaginativa.

No Brasil Urgente, as imagens, constituem a principal linha de narração dos repórteres. Na maioria das vezes são fortes e chocantes. O jornalismo policial, na qual se enquadra o programa, usa do sensacionalismo para adquirir audiência, e dessa maneira, utiliza de imagens espetacularizadas ao extremo. São vídeos de pessoas sendo baleadas, esfaqueadas, sofrendo algum tipo de violência física e quando os vídeos não são apresentados, fotos das vítimas e dos acusados, são mostrados com muita frequência.



Imagem 4. Homem tenta matar a ex-namorada a golpes de facas.

Fonte: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/>



Imagem 5. O homem desferiu vários golpes de faca contra a ex-namorada.

No exemplo acima, o homem inconformado com o término do relacionamento vai até o local de trabalho de sua ex-namorada com o objetivo de matá-la. Ele chega à loja onde a vítima trabalha e lhe dá várias facadas. Ao longo do vídeo, a mulher levanta para tentar pedir ajuda, mas é esfaqueada novamente e, além disso, o notebook que está sobre a mesa é arremessado sobre sua cabeça. Depois disso, a moça cai no chão e o homem vai embora. A vítima fica com estado de saúde considerado gravíssimo pelos médicos. O vídeo foi repetido três vezes, durante a reportagem de 2 minutos e 17 segundos.

Outro ponto que foi observado durante a análise das imagens, e torna-se um elemento importante para despertar essa diversidade de sentimentos, é a repetição. Em grande parte das reportagens há vídeos que mostram o exato momento dos atos mais impactantes, e são repetidos pelos menos duas vezes. Em determinados casos, os pedaços dos vídeos considerados mais agressivos e violentos são mostrados novamente.



**Imagens 6.** Neste exemplo, uma mulher sofre tentativa de estupro quando

estava a caminho do trabalho. Fonte: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/>

A maioria das imagens apresentadas no Brasil Urgente são de câmeras de segurança dos locais onde as vítimas foram atingidas ou por câmera de celulares, dessa maneira, são muitas vezes de baixa qualidade. Romão (2013) afirma que as imagens “funcionam como catalisador para as diversas sensações e sentimentos que o programa tem por fim despertar, contribuindo para a conquista da audiência”. (p.127)

A reportagem *Homem é morto em posto durante assalto*, reproduzida no dia 26 de março, conta o relato de um segurança que foi morto por assaltantes ao tentar deter um deles. O vídeo mostra o exato momento que um dos criminosos dispara sobre o peito da vítima e foi repetido na matéria de 2 minutos e 16 segundos, 11 vezes. Veja na figura abaixo:



**Imagem 7.** No canto da imagem é possível ver o segurança (camisa branca) caído ao chão e o atirador (camisa escura) efetuando os disparos com arma de fogo.

Fonte: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/>

Dessa forma, os telespectadores estão, a todo o momento, expostos a imagens chocantes e repetitivas que de certo modo ficam marcados no imaginário e abrem possibilidades para diversas interpretações e sentimentos, entre eles, o pânico.

### 2.3.3. Narratividade e dramatização

Como abordado neste trabalho, com a necessidade de alcançar audiência, o jornalismo policial buscou na espetacularização uma forma de atingir seus objetivos. Tudo é intensificado ao máximo.

Nas reportagens, os jornalistas narram as histórias com muita dramatização. O tom de voz, os sons utilizados, o ambiente onde ocorreram os fatos, o enredo da matéria são utilizados com intensidade e muita ênfase no fato ocorrido. Sodré (2009)

fala em seu livro *A Narração do fato* que o gênero policial busca sua especificidade justamente “no agenciamento do imaginário de conteúdos fabulativos, ou seja, na pura narratividade” (p.269).

Em algumas matérias, a sensação é de estar assistindo histórias típicas de filme de terror e suspense. Percebe-se que o objetivo principal dos repórteres é, além de ter atenção do público, mexer com os sentimentos de quem assiste.

Abaixo, segue alguns exemplos encontrados nas matérias do Brasil Urgente:

Exemplo 1 – reportagem apresentada em 26 de março de 2018 e mostrou a tentativa de assalto que terminou de forma trágica.

**Repórter:** (tom dramático) “O vídeo mostra o momento em que a vítima, que está acompanhada de mais três pessoas, estaciona o carro em frente à casa dos pais, na Vila Sônia, zona oeste de São Paulo. O rapaz de 26 anos desce acompanhado da irmã e entram na casa. A esposa e o amigo aguardam no carro. Repare que eles deixam o farol ligado, que chamam atenção deste outro veículo que passa na rua...Dentro dele, três criminosos! Eles param o carro e anunciam o assalto. A tentativa de roubo terminou com três tiros... e a morte de Guilherme!” (Anexo 1)

Exemplo 2 - reportagem exibida em 26 de março de 2018. A matéria mostra vídeos do confronto entre milicianos e traficantes no Rio de Janeiro.

(Som intenso de tiros na favela)

**Repórter:** “Praça Seca, zona oeste do Rio de Janeiro (Sons de tiros novamente). Parece familiar a você e também a quem mora aqui! (Mais sons de tiros). O confronto aqui é entre milicianos da favela da Chacrinha de um lado da avenida e do outro lado traficantes da comunidade Bateau Moche (Mais tiros). O BOPE ocupou a área depois de tiroteio intenso. Ninguém foi preso!” (Anexo 2)

Exemplo 3 – Matéria exibida em 26 de março de 2018 e fala do desaparecimento de uma jovem. A suspeita é que ela tenha sido assassinada junto com o namorado.

**Repórter:** (tom dramático e som de suspense) “O mistério! Por que alguém mataria a miss?... A dor de uma família que ainda tem esperança”.

**Mãe da miss desaparecida (chorando):** “Eu tenho esperança que não seja ela. Que ela esteja por aí e vai aparecer”.

**Repórter:** “Meia noite e cinco de quinta-feira, a garota manda a última mensagem para o namorado. [...] ela estava no ônibus voltando da faculdade”.



**Repórter (passagem):** (tom dramático) “Datena, essa é a condição que ficou o carro onde foi feita a perícia e onde estavam os dois corpos. O Anderson (cinematista) vai mostrar pra gente! Segundo os investigadores, os policiais, os dois corpos encontrados carbonizados estavam aqui, na carroceria. Anderson mostra pra gente! (imagens do carro queimado)... Essa marca seria uma cabeça de um corpo feminino. Como podemos ver, o estado do carro é muito crítico! Tudo foi queimado e segundo a família, nenhum objeto, pedaço de caderno, celular, nada foi encontrado da moça aqui. Eles não viram absolutamente nada que pudesse identificar o corpo da menina!” (anexo 3)

Dentro desses exemplos, destaca-se o uso frequente de adjetivos para descrever a forma como o crime ocorreu, para descrever a vida da vítima e as atitudes cruéis dos indivíduos que cometeram os atos violentos.

No exemplo a seguir, a adjetivação começou pela manchete, que diz: “*Três homens são torturados e mortos dentro de loja*”:



**Imagem 8.** Print da reportagem exibida pelo programa sobre homens mortos em loja de SP.

Fonte: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/>

A reportagem foi exibida em 28 de março de 2018, e descreve o ato da seguinte maneira:

**Repórter:** “Todos os mortos estavam amarrados e amordaçados. A primeira vítima levou uma pancada forte que fez um ferimento grande na nuca. O segundo, além dos tiros na cabeça, tomou pancadas no rosto. E o terceiro homem, que a polícia acredita ser o alvo principal dos bandidos, tinha uma perfuração na cabeça de um lado ao outro, feita com um ponteiro como este (mostra a imagem do objeto) que pode ser usado em marteletes e britadeiras”. (anexo4)

Utilizar da sensibilidade e dor dos membros da família é outro ponto fundamental nas reportagens do programa. Em todos os casos que envolviam



acidentes, assassinatos ou desaparecimentos, os parentes são entrevistados para falar da personalidade da vítima. O desespero, o desamparo, a busca por ajuda e por justiça mexem com o emocional de quem assiste aquela situação. Em alguns casos, os repórteres buscam alguma lembrança da vítima de modo a fazê-los se emocionarem. Veja nos relatos abaixo:

Exemplo 4 – Reportagem exibida em 27 de março de 2018. Mostra o depoimento de um pai chorando sem parar a morte do filho que foi assassinado enquanto dormia pela companheira de mais de 16 anos:

**Parente 1:** “O bichinho morreu dormindo! Sabe o que é morrer dormindo? Que dó do meu filho, não teve nem um pingo de reação. Meu filho! É triste!”. (Imagem 9)

Exemplo 5 – Reportagem exibida em 26 de março e mostra o pai emocionado pedindo ajuda pelo desaparecimento da filha. A suspeita da polícia é que seu corpo tenha sido carbonizado:

**Parente 2:** “Gente, ajuda na investigação da polícia. Vamos ajudar, porque mataram a minha filha! Era nós dois (olha para a esposa) e ela. Agora tá faltando ela!... Ela era um anjo, um anjo! Trabalhava, estudava, batalhava pelas coisinhas dela. Isso aqui é um ninho cheio de coisas ruins” (Imagem 10)

Exemplo 6 – Reportagem do dia 31 de março mostra o relato emocionante de parentes da vítima que foi assassinado na parada de ônibus em uma tentativa de assalto:

**Parente 3:** “Era uma pessoa maravilhosa! Nunca fez mal a ninguém, era do bem. Mesmo se tratassem mal, ele estava ali pra ajudar”.

**Repórter:** “Ele não era uma pessoa de reagir?”

**Parente 3:** “Não! Ele entregaria, ele entregaria. Tinha entregado tudo, tênis, tudo, tudo, tudo! Ele era uma pessoa maravilhosa. Não ia deixar de viver por causa de um tênis, de um celular”. (Imagem 11)



**Imagem 9.** Pai do homem assassinado pela esposa enquanto dormia.

Fonte: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/>



**Imagem 10.** Pais imploram ajuda nas investigações da filha desaparecida.

Fonte: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/>



**Imagem 11.** Parentes desesperadas pela morte do jovem em ponto de ônibus.

Fonte: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/>

Nota-se que a dramatização está presente durante todo o programa, incluindo as expressões e falas do apresentador. São frases marcadas por rapidez, fragmentação e oscilação da tonalidade da voz, que vão desde a calma até a agressividade. No exemplo a seguir está a revolta do apresentador sobre um caso, exibido em 29 de março, de um jovem que saiu para ir à igreja e foi encontrado morto. Seu discurso se volta para o descaso de um policial que cuidou do caso.

**Datena:** “Acho que a Secretaria de Segurança deveria tomar providência... o Ministério Público. Ai a família vai lá e fala: Tá faltando um pedaço do corpo do nosso filho, do nosso irmão. “Há mais só um pedacinho?!”... Quem falou isso para a família deveria responder um processo desgraçado, ser expulso da polícia, porque não merece ficar na polícia! Queria ver se fosse um pedaço da mãe do cara que falou isso, da tia do cara que falou isso, do filho do cara que falou isso! A família já está arrebatada, destruída com a morte do menino. E o cara me tira sarro dizendo que é só um pedacinho? E a família ter que ir lá pedir, pelo amor de Deus, para alguém ajudar a procurar o pé que estava perdido! Isso é uma falta de sensibilidade que não cabe”. (Programa do dia 29 de março)

Romão (2013) coloca que um dos principais elementos de ansiedade se encontra justamente na voz de quem conduz o programa. “Diante da agitação do apresentador, parece-nos impossível não ficar ansioso, por mais que, muitas vezes, o conteúdo das notícias ou as imagens apresentadas sejam bastante inócuos”. (p.116) E acrescenta que o jornalismo policial “se vale bastante da produção de ansiedade na construção de suas notícias. Parece que estamos diante de um filme policial, em que a ação se torna o foco da exibição” (p.116).

Sodré (2009) coloca que esse tipo de gênero se vale justamente do afeto e do sensível de forma exacerbada, para fazer um apelo direto ao imaginário (p.271). E acrescenta que esse estímulo a imaginação “permite a “visualização” dos personagens ou das paisagens em que eles se movem. Isso demanda contato afetivo em bruto com o leitor, com os sentidos mais do que com a inteligência”. (p.270)

#### 2.3.4. Superficialidade dos fatos

Outro ponto importante a ressaltar no que diz respeito aos programas que trabalham com sensacionalismo é a questão da superficialidade dos fatos que são apresentados. Em nenhuma matéria os assuntos são colocados de modo aprofundado, nem mesmo no discurso dos especialistas. A maioria das autoridades aparecem para descrever algumas informações sobre os infratores ou alguma ligação das vítimas com os criminosos.

As reportagens são construídas em cima das imagens, não atrativas, de câmera de segurança, portanto, pode ser a narrativa dramática que mobiliza a emoção e o imaginário do espectador. Em praticamente todas as matérias houve estereotipação dos criminosos e das histórias.

Romão (2013) coloca em sua tese que “no pretexto de revelar a verdade nua e crua (“jornalismo verdade”), o jornalismo policial deixa de lado o comprometimento com a relevância pública daquilo que é apresentado para favorecer o que dá mais audiência” (p.127).

Em nenhum momento foi apresentado uma matéria em que um especialista teve um olhar científico sobre os casos apresentados e nem mesmo apresentaram soluções que tranquilizem a sociedade sobre os fatos que ocorrem no país. Inclusive, houve reportagens que foram construídas apenas com depoimentos de familiares e vizinhos. A visão de mundo é apenas uma: o Brasil está cada dia mais perigoso e inseguro e ninguém faz nada para mudar essa realidade. Cria-se um estado de tensão e medo.

### 2.3.5. Impunidade e insegurança: tensão e medo

Quando se assiste a esses tipos de programas de TV vê-se um reforço da ideia de que a sociedade é insegura e perigosa o tempo todo, seja na fala dos jornalistas, nos depoimentos de quem viu e viveu situações de pânico, nas imagens divulgadas ou nas narrativas construídas.

Como descrito no subtópico anterior, a realidade apresentada pelo programa é que o Brasil está cada dia mais perigoso e inseguro. A qualquer momento o indivíduo pode sair de sua casa e, simplesmente, não voltar mais; pode estar se divertindo e ser assaltado ou agredido por alguém. A solução para resolver esses problemas? Não é apresentada. O que se vê são pessoas desesperadas, implorando justiça às autoridades, pedindo por segurança e relatando sobre o medo que sentem de sair, de serem mortas, roubadas ou agredidas.

No exemplo a seguir, a vítima relata que foi arrastada por um homem de moto quando saía de casa:

“Pior do que os machucados é o trauma. Machucado passa, o trauma não”  
[...] “O meu filho foi assaltado umas quatro vezes, 6h da manhã! Os bandidos ficaram presos 40 dias e foram soltos. Cadê nossa polícia? Que segurança nós temos?”(anexo 5)

A reportagem foi ao ar no dia 28 de março. A mulher diz estar em pânico e sem aguentar ver uma moto passando ao seu lado, pois acha que será roubada. Ela não quer sair de casa.

Neste outro relato, exibido no programa do dia 28 de março, uma mãe questiona a crueldade do ser humano após seus dois filhos serem mortos em um bar.

“Por que o ser humano está assim? Matando por nada! É no mundo todo, meu Deus!” (anexo 6)

Em determinadas reportagens, os vizinhos das vítimas falam das sensações que sentem ao serem informados sobre o ocorrido. Como no exemplo abaixo, na qual uma jovem relata o medo que sente de andar no seu bairro, depois que soube

do assalto de uma mulher e sua filha de 1 ano e 5 meses que foram jogadas no chão por criminosos ao roubar seu carro. A reportagem foi exibida em 26 de março, a vizinha das vítimas descreve o ocorrido da seguinte maneira:

**Vizinha da vítima:** “Eu falei: Caramba! É a rua que passo todo dia, duas vezes ao dia. Eu levo ela, busco ela (filha). Então, dá medo! Porque você não sabe se a pessoa que está aqui na esquina vai te atacar. Você tem que sair de casa de chinelo, sem celular, sem bolsa, sem nada... porque é de dia, de noite. Hoje em dia, não tem horário para bandido te assaltar”. (anexo7)

Romão (2013) aborda na tese, *Jornalismo Policial: indústria cultural e violência*, um termo que se aplica muito bem a esse tipo de programa, e na mídia em geral, que é o *hiper-realismo*. O autor afirma que esse termo está diretamente ligado aos meios de comunicação de massa ao longo do século XX e significa em termos gerais, “o exagero de certos aspectos da realidade, de modo a torná-los mais significativos segundo os interesses do emissor da mensagem” (p. 144). O referido autor acrescenta que:

A qualidade rudimentar da filmagem, em comparação com o padrão de outros programas televisivos, fortalece a impressão de que o programa está aproximando a realidade do telespectador [...] As tomadas ao vivo e as imagens de câmera de segurança amadora “provam” que o que é mostrado é real. (ROMÃO, 2013, p.145)

Todos os aspectos das reportagens — as imagens, depoimentos, linguagem dos repórteres — giram em torno do exagero. A forma como são feitas, o coloquialismo, a fragmentação da informação faz com que se construa uma relação de credibilidade com os telespectadores, levando-os a acreditar que ao redor só existe insegurança. Pode ser que na necessidade de se proteger dos perigos, alguns indivíduos desenvolvem uma série de ansiedades, desencadeando em determinados casos, a síndrome do pânico, principalmente pela verdade absoluta que acreditam ver nesse tipo de programa:

O jornalismo policial, ao apelar para as imagens dos ocorridos, parece se valer da dificuldade do indivíduo pseudoformado em contextualizar e dar sentidos para sua experiência imediata: aquilo que a câmera conseguiu capturar é tomado como a verdade completa, e nenhuma reflexão faz-se necessária”. (ROMÃO, 2013, p. 147)

A forma como as pessoas recebem as informações, o tom do discurso que é colocado nas matérias e a falta de reflexão sobre os conteúdos que são mostrados em programas do gênero policial na mídia, contribuem para a criação de um imaginário de medo.

O Brasil Urgente é apenas um programa dentre outros que trazem o sensacionalismo, o alarmismo, questões trágicas e violentas. Assim como o jornal policial, existem na televisão outros programas que abordam a mesma temática durante todos os dias da semana, como por exemplo, o Cidade Alerta e o Balanço Geral, da Rede Record de televisão, cuja transmissão é nacional e local – que é transmitida por estado. No Distrito Federal há o Cidade Alerta DF, Balanço Geral DF. Todos esses apresentam o mesmo tipo de conteúdo e passam no início da manhã, na metade do dia e no fim da tarde. (anexo 8)

O jornalismo policial é apenas um exemplo da quantidade de conteúdos violentos, trágicos, catastróficos presentes na mídia. Como dito em entrevista pela psiquiatra Amanda Spínola no primeiro capítulo, hoje em dia, os conteúdos são viralizados rapidamente, ou seja, são questões de segundos para ter acesso a vídeos e imagens violentas e chocantes.

Percebe-se que a todo o momento as pessoas são bombardeadas com infinidades de notícias ruins, tristes e fatais. A sensação que se tem é de que a sociedade vive de uma violência sem fim. Quando liga a televisão ou abre um jornal online o sentimento é de que as pessoas estão desamparadas, que o mundo tornou-se perigoso demais para se viver. Que pessoas boas estão morrendo ou sofrendo violências por motivos banais, e que a qualquer momento podem ser atingidos por catástrofes naturais.

São as infinidades de imagens, assuntos pesados, fragmentação de informações que podem contribuir para a criação do imaginário. São nessas circunstâncias que surgem as ansiedades e que abrem caminho para a manifestação do pânico.

## CONCLUSÃO

A partir da pergunta inicial deste trabalho “Como o jornalismo policial, em específico o Brasil Urgente, estimula o desenvolvimento do transtorno do pânico?”, foi possível identificar que esse tipo de jornalismo busca atingir seus objetivos, como audiência, por meio do sensacionalismo. O tipo de conteúdo veiculado no Brasil Urgente possui um discurso agressivo, apelativo e emocional.

No programa Brasil Urgente, a violência, a insegurança e as tragédias são os fios que conduzem a atração policial. A partir dos pontos averiguados, que foram os títulos, as imagens, a narração e a dramatização, e o sentimento de impunidade e segurança, encontramos elementos que contribuem fortemente para quadros ansiosos, principalmente, porque o sensacionalismo é explorado ao máximo. As narrativas violentas, que se assemelham a histórias de terror, acompanhadas pelas imagens de baixa qualidade, fortes, trágicas e sangrentas abrem espaço para a criação do imaginário do medo.

Nas reportagens analisadas, a sensação que se tem é de um mundo repleto de maldade, de insegurança e de impunidade. Os discursos trágicos, violentos, fazem crer que estamos apanhados por uma realidade de que tudo a nossa volta está pior do que é realmente. Isso acaba despertando uma série de sentimentos e emoções, entre eles, as ansiedades e os medos. E é esse processo de simbolização da violência estereotipado pelo jornalismo policial que pode desenvolver, em um nível menos extremista, estímulos para os medos e ansiedades. E em última instância, ao desencadeamento do transtorno do pânico.

O transtorno do pânico pode se estabelecer de diferentes maneiras na vida do indivíduo e pode estar ligado a fatores internos – sentimentos e emoções – e a fatores externos – violência, inseguranças, catástrofes – que o rodeia. Alguns podem assistir aos programas sensacionalistas sem sentir nenhum tipo de ansiedade ou medo, outros, bastam uma informação ou imagem para despertar o imaginário.



Mas, acima de tudo, deve-se ter atenção com as pessoas que já sofrem com o transtorno do pânico. O quão difícil deve ser para as pessoas que vivem diariamente com esse tipo de transtorno e quantas crises podem ter ao lidar com situações tão espetacularizadas por programas de Jornalismo Policial? Talvez, no futuro, seja necessário discutir medidas de regulação da mídia que apontem para a importância de se analisar o tipo de conteúdo que é veiculado nesses programas, a fim de diminuir os riscos e as consequências que podem trazer para os indivíduos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. *Espreme que sai Sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.
- American Psychiatric Association. *Manual Diagnóstico e Estatístico de transtornos mentais*. 5ª edição. Porto Alegre, RS: Artmed, 2014. Disponível em <https://bit.ly/2rkYGwg>. Acesso em fevereiro de 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BRUNA VARELLA, Maria Helena. *Síndrome/Transtorno do Pânico*. Disponível em <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtornosindrome-do-panico/>. Acesso em junho de 2017.
- CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. *Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método*. 2014. Universidade de Minas Gerais e Universidade do Rio de Janeiro, 2014.
- CORDEIRO, Ana Luiza. *Os títulos e o (não) fazer jornalístico: análise de chamadas impressas*. 2017. Artigo.14f. Centro Universitário Uninter, Curitiba-PR, Brasil. 2017. Disponível em <https://bit.ly/2yalqnn>. Acesso em junho de 2018.
- CONTRERA, Malena. *O pânico na mídia: violência- uma das manifestações do pânico*. 1999. Artigo. 20f. Universidade Mackenzie e PUC – SP, Brasil, 1999.
- CONTRERA, Malena. *Mídia e Pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. 1ª edição. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- Dados de audiência nas 15 praças regulares com base no ranking consolidado – 14/05 a 20/05/2018. Disponível em <https://bit.ly/2MmrOfs>. Acesso em 28 de maio de 2018.
- DEBORD, G. *A sociedade do Espetáculo*. 1967. Disponível em [lelivros.love](http://lelivros.love). Acesso em março de 2018.
- FILION, Louis Jacques. *O planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações*. 1989. Artigo. Tradução de Gledson Luiz Coutinho. Disponível em <https://bit.ly/2t3pSQd>. Acesso em abril de 2018.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP: 1991.

- GLASSNER, Barry. *Cultura do Medo*. Tradução de Laura Knapp. 1ª edição. São Paulo: Francis, 2003.
- GERALDES, Elen; SOUSA, Janara. *Manual de Projetos Experimentais em Comunicação*. 1ª edição. Brasília: Casa das Musas, 2006.
- HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. 1ª edição. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- KELLNER, D. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- MARCHI, Caio Favero. *O papel da mídia na disseminação do medo e da insegurança na cidade de São Paulo*. 2015. 15f. Artigo. Escola Superior de Propaganda – ESPM-SP, Brasil, 2015. Disponível em <https://bit.ly/2JBr0Bz>. Acesso em fevereiro de 2018.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.
- MELÉM, Viviane. *Jornalismo Policial: uma análise dos critérios de noticiabilidade do caderno Polícia, do jornal Diário do Pará*. 2011. 25f. Artigo publicado na Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia. Disponível em <https://bit.ly/2uqK6np>. Acesso em julho de 2018.
- MENEZES, José Eugênio de O. *Processos de mediação: da mídia primária à mídia terciária*. Artigo. Disponível em <https://bit.ly/2ybtZQ6>. Acesso em abril de 2018.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1: Neurose*. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- NEGRINI, Michele. *Autoridades sobre o olhar de Datena: uma análise do discurso do Brasil Urgente*. 2008. 12f. Artigo apresentado no IX Seminário Internacional da Comunicação da PUC-RS. Disponível em <https://bit.ly/2y2kimX> na Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias. 2008. Acesso em abril de 2018.
- Pesquisa Brasileira de Mídia 2016. *Meios de comunicação mais utilizados (1ª menção)*. Disponível em <https://bit.ly/2jUvc2W>. Acesso em maio de 2018.

- PEREIRA, Mário Eduardo Costa. E. *Psicopatologia dos ataques de pânico*. 1ª edição. São Paulo: Escuta, 2003.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa o trabalho acadêmico*. 2ª edição. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RIBEIRO, Elthon. *Os principais programas policiaiscos da televisão brasileira e a relação com os anunciantes na atualidade*. 2016. 13f. Artigo publicado na revista Temática. Universidade Estadual da Paraíba, Brasil, 2016. Disponível em <https://bit.ly/2L7juyV>. Acesso em julho de 2018.
- ROMÃO, Davi Mamblona. *Jornalismo Policial Indústria cultural e violência*. 2013. 207f. Dissertação de mestrado em psicologia. Universidade de São Paulo, Brasil, 2013.
- ROSENZWEIG, Patricia; AIRES, Thiara. *A identidade cultural do Jornalismo Policial Chumbo Grosso*. 2015. 10f. Artigo publicado na Revista Panorama. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil, 2015. Disponível em <https://bit.ly/2NLpsHt>. Acesso em julho de 2018.
- SANTOS, Luciana Oliveira dos. O. *Transtorno de pânico: clínica psicanalítica*. 1ª edição. São Paulo: Casa dos psicólogos, 2009.
- SILVEIRA, Felipe Lazzari. *A cultura do medo e sua contribuição para a proliferação da criminalidade*. 2013. 15f. Artigo apresentado no 2º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade. Universidade Federal de Santa Maria – RS, Brasil, 2013. Disponível em <https://bit.ly/2t5XInM>. Acesso em fevereiro de 2018.
- SODRÉ, Muniz. *A Narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.
- THOMPSON. John. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- TV Bandeirantes. *Programa Brasil Urgente*. Reportagens disponíveis em <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/>. Acesso entre 26 e 31 de março de 2018.
- World Health Organization. *Depression and other common Mental Disorders. Global Health Estimates*. Pesquisa completa disponível em <https://bit.ly/2ugQuOa>. Acesso em fevereiro de 2018.

## Entrevista

Amanda Spínola Amaral – médica psiquiatra, formada pela Universidade Católica de Brasília (UCB), servidora pública na Secretaria de Estado e Saúde do Distrito Federal e especialista em psicologia Junguiana.

**Pergunta: Primeiramente, gostaria que desse seu ponto de vista sobre o que é o transtorno de pânico. Não sei se a Psiquiatria é como na Psicologia, na qual há diferentes abordagens e explicações para algumas doenças.**

**Resposta:** Na psiquiatria, quando vamos falar em um termo médico, vamos ter uma definição específica. Em geral, os psiquiatras seguem dois critérios diagnósticos: um é Código Internacional de Doenças (CID 10), o mais utilizado no Brasil, e o outro é Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM), que é o critério norte-americano. Os dois critérios diagnósticos são bem parecidos. Eu tenho aqui comigo a definição do CID 10.

O transtorno de pânico é um quadro ansioso e está dentro dos transtornos ansiosos. É uma subclassificação. Dentro dos transtornos ansiosos, temos a ansiedade generalizada, o transtornos de pânico, o transtorno misto ansioso-depressivo e outros transtornos ansiosos especificados ou inespecíficos.

A definição dada, de acordo com o CID 10, é “ansiedade paroxística episódica. A característica essencial deste transtorno é os ataques recorrentes de uma ansiedade grave: ataques de pânico. Que não ocorre exclusivamente em uma situação ou circunstâncias determinadas, mas de fato, são imprevisíveis. Como em outros transtornos ansiosos pode haver ocorrência brutal de palpitação, dores torácicas, sensações de asfixia, tontura, sentimento de irrealidade, despersonalização ou desrealização”.

Além disso, frequentemente, “existe um medo secundário de morrer, de perder o autocontrole ou de ficar louco. Não se deve fazer um diagnóstico principal de transtorno do pânico quando o sujeito apresenta transtorno depressivo no

momento da ocorrência de um ataque de pânico. Uma vez que os ataques de pânico são, provavelmente, secundários à depressão”.

Então, é muito frequente ter sintomas ansiosos em quadros depressivos. O pânico é uma crise que aparece subitamente, no momento em que a pessoa não está esperando por aquilo. O que as pessoas mais trazem de comum no consultório é a sensação de falta de ar, sensação de desmaio, sudorese difusa, tremor e, às vezes, a sensação de que vai morrer. Mas, não mata e dura, geralmente, poucos minutos e passa espontaneamente. Só que isso pode ter uma frequência que vai aumentando com o tempo e às vezes a pessoa não consegue fazer nada na vida, porque começa a ter recorrentemente a crise.

**Pergunta: Podemos dizer que o pânico é um grau acima da ansiedade ou o pânico surge da ansiedade? Ou não há relação e as pessoas podem desenvolver o pânico sem necessariamente ter ansiedade?**

**Resposta:** é um tipo de ansiedade. Não dá para dizer se o pânico é menos intenso que um quadro de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), porque depende da intensidade e da frequência das crises. Mas, é um subtipo de transtorno ansioso e, diferente da ansiedade generalizada, o pânico acontece em episódios. A ansiedade generalizada é persistente “não ocorre, exclusivamente, nem de modo preferencial em uma situação determinada. Os sintomas essenciais são variáveis, mas compreendem nervosismo persistente, tremor, tensão muscular, transpiração, sensação de vazio, palpitação, tontura e desconforto epigástrico.”

Então, a ansiedade é um sintoma mais persistente. O ansioso está o tempo inteiro com a sensação de que alguma coisa ruim vai acontecer. Geralmente, está o tempo inteiro prevendo todas as situações de dificuldade que terá. Além disso, os ansiosos tem muita insônia, pois começam a associar tudo que precisam fazer no dia seguinte. Pessoas ansiosas têm mais chances de ter um quadro de pânico. Mas, o pânico em si é mais pontual. A pessoa pode ter tendência a ter uma personalidade um pouco mais ansiosa, mas nada patológico.

Alguns fatores desencadeantes, como perda de emprego, ruptura de um relacionamento ou algum parente que morre ou adoece, podem começar a funcionar como gatilhos para ataques de pânico. A ansiedade é mais contínua, o pânico é mais pontual.

**Pergunta: Você acha que a mídia, principalmente a televisão, um dos meios de comunicação que as pessoas mais assistem ainda mesmo com a internet, pode influenciar no surgimento do transtorno?**

**Resposta:** Acho que sim. Aqui na psiquiatria tratamos de doenças de causas multifatoriais – influência genética, social, política, questões familiares – não dá pra definir um único fator como causador.

Mas hoje, a mídia pode fortemente contribuir não só para o transtorno de pânico, como quadros ansiosos em geral. Por exemplo, uma pessoa acabou de ser assaltada, isso deixa a vítima com o sentimento de ansiedade, apreensão, medo de acontecer de novo. De repente, liga em um canal que só fala de tragédias que estão acontecendo atualmente no mundo. Isso vai deixar a pessoa muito mais ansiosa do que estava e com certeza pode contribuir para um ataque de pânico.

Até mesmo programas de terror, filmes e séries, pessoas que são mais sensíveis podem ficar em estado de apreensão, que contribui para um quadro de ataque de pânico. Então, tem certa influência!

**Pergunta: A questão da violência é um dos temas que está com grande espaço na televisão, principalmente, em programas como o Brasil Urgente. Você acha que a violência é um forte influenciador ou não?**

**Resposta:** Não sei se é o que mais influencia, mas tem uma influência. Se formos pensar, hoje em dia, em coisas simples como o WhatsApp: ele é ótimo, melhora nossa vida, deixa a gente em contato com várias pessoas ao mesmo tempo. Mas, o próprio WhatsApp, pode, por exemplo, contribuir para o transtorno de pânico de uma maneira bem simples. Pegue uma pessoa que tem vários empregos e dentro disso integrará vários grupos de trabalho nessa rede social e o tempo inteiro o celular

apitando. Dessa forma, a pessoa começa a ficar no estado de alerta o tempo inteiro, na espera que algo ocorreu de errado. Então, esse aplicativo o tempo todo tocando, mostrando que algo aconteceu, vai deixando a pessoa mais ansiosa normalmente. Uma pessoa ansiosa tem mais predisposição para ter um ataque de pânico.

**Pergunta: Uma autora chamada Malena Contrera aborda no livro *Mídia e Pânico* que, muitas vezes, o pânico está ligado a falta de vínculos. Saberia me explicar melhor sobre essa questão?**

**Resposta:** Na verdade, inclusive estou lendo o livro de um filósofo francês chamado Gilles Lipovetsky, que é o autor da *Era do vazio*. Ele diz no livro que estamos vivendo uma era que nada afeta a gente. Tudo fica mais banalizado, os vínculos se tornaram superficiais.

Na verdade, nós vamos criando mais vínculos superficiais, tanto com as instituições que frequentamos, como com as pessoas. O que eu imagino é que essa falta de vínculo vai deixando as pessoas, por causa da superficialização, mais desamparadas. O indivíduo que tem a sensação de desamparo é mais inseguro e isso pode contribuir para uma crise ansiosa.

A sensação de não ter com quem contar, não ter vínculos: antes as pessoas tinham vínculos grandes com as igrejas, por exemplo, era uma forma de conforto, de acalanto ou até dentro da própria família. Hoje, as relações estão com vínculos cada vez mais superficiais. Temos a possibilidade de nos relacionar com mais gente ao mesmo tempo, mas o preço que pagamos por isso é uma relação mais superficial. Embora se tenha a sensação que conhecemos todo mundo, nos sentimos mais sozinhos, porque não estabelecemos vínculos profundos com essas pessoas. Então, acredito que seja nesse sentido a questão da vinculação.

**Pergunta: Na sua percepção, quais são os fatores presentes no discurso da mídia que talvez possam influenciar no transtorno do pânico?**

**Resposta:** Eu acredito que as imagens de violências tocam bastante as pessoas. Uma questão que acho importante é o desafeto. As pessoas, até por causa do



aumento da violência, não se afetam, não se abalam tanto pela forma como a notícia é colocada. A forma como o repórter vai contar a notícia é, geralmente, de uma maneira banalizada, como se falasse de uma ida à padaria comprar pão. Então, acredito que esse desafeto faz com que os indivíduos se sintam mais vulneráveis, pois pensam que ninguém vai se importar com eles. [As pessoas] podem ser assaltadas e ninguém se importará. Isso deixa o indivíduo mais receoso de acontecer algo e ninguém fazer nada. Será apenas mais um número para as estatísticas. Dessa forma, aumenta o medo e a insegurança. Então, acho que tem várias formas da mídia influenciar no transtorno.

Eu acho também que temos vivido em uma sociedade mais violenta e com o aumento dos meios de comunicação, isso toma uma proporção muito maior do que antigamente. Se antes tinha seis canais de televisão hoje se tem 120. Se antes tinha um jornal em cada estado, hoje tem 10 em circulação. Atualmente, as pessoas tem *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e vários meios que propagam informações muito rápidas por causa da internet. O aumento da violência gera um aumento significativo das notícias sobre o assunto. E, nesse momento, em que estamos vivendo um aumento de notícias, a velocidade com que elas propagam é alarmante. Então, hoje temos acesso a um número maior de notícias de violência. Isso contribui para aumento dos quadros ansiosos e quadros de pânico.

Isso nos deixa muito mais inseguros. Hoje, vemos as pessoas morando em prédios com câmeras, porteiro 24 horas, com duas cercas em volta do lugar onde moram. Estamos o tempo inteiro na expectativa de ser assaltado, de sofrer algum tipo de violência física, sexual, de ser roubado. Enfim, porque o tempo inteiro estamos recebendo informações violentas.

Precisamos começar a fazer um trabalho de seleção dos conteúdos que é visto e até quando vê-los também. Hoje, há um aumento de divulgação de imagem que nunca tivemos antes. Nós ficamos realmente muito vulneráveis até nas questões de violência social.

## Anexo 1

### Brasil Urgente – TV Bandeirante



**BAND.**  
com.br

Notícias Esporte Entretenimento Televisão Vídeos Programação Rádios +

Agora é com Datena Band Eleições MasterChef Melhor da Tarde Show do Esporte **AO VIVO**

**datenaoficial**

**SÃO PAULO: RAPAZ DEFENDE ESPOSA EM ASSALTO E ACABA MORTO**

A vítima estava fazendo uma parada rápida na casa de seus pais na Vila Sônia, Zona Oeste de São Paulo, quando ouviu a esposa gritando por ajuda. Ao ver os criminosos, o homem reagiu e foi baleado três vezes.

26/03/2018 2191 visualizações

f t speaker ...

**SALVOU A ESPOSA E FOI MORTO**  
**RAPAZ DEFENDE MULHER DE ASSALTO E LEVA 3 TIROS**  
BRASILURGENTE

Acesso em [//bit.ly/2lps4lk](https://bit.ly/2lps4lk)

## Anexo 2



## Traficantes e milicianos entram em confronto no Rio

Milicianos da Favela da Chacrinha e traficantes da comunidade Bateau Mouche entraram em confronto em uma avenida na Praça Seca, Zona Oeste do Rio de Janeiro. O Bope ocupou a área depois do tiroteio e ninguém foi preso.

26/03/2018 362 visualizações



Acesso em [//bit.ly/2lhACVm](https://bit.ly/2lhACVm)

## Anexo 3



**BAND.**  
com.br

Notícias Esporte Entretenimento Televisão Vídeos Programação Rádios +

Agora é com Datena Band Eleições MasterChef Melhor da Tarde Show do Esporte **AO VIVO**

**datenaoficial**

**MISS DESAPARECIDA**  
**CORPOS CARBONIZADOS PODEM SER DE BRUNA E EMPRESÁRIO**  
BRASILEIRO

**PR: Miss Altônia continua desaparecida**

Bruna Zucco, coroada Miss Altônia, foi vista pela última vez após sair da faculdade na madrugada da última quinta-feira (22) em Altônia, no Paraná. Na manhã do mesmo dia, a polícia encontrou dois corpos carbonizados em um veículo, que podem ser da miss e de seu empresário.

26/03/2018 4039 visualizações

f t speaker ...

Acesso em <https://bit.ly/2L3IRIO>

## Anexo 4



## SP: Três homens são torturados e mortos dentro de loja

Pai, filho e um funcionário de uma loja de aluguel de ferramentas industriais foram torturados e, em seguida, assassinados com tiros no bairro do Ipiranga, Zona Sul de São Paulo. Uma das linhas de investigação da polícia relacionou o crime com uma mansão do tráfico de drogas nas proximidades do local.

28/03/2018 694 visualizações



Acesso em <https://bit.ly/2lk5yVd>

## Anexo 5



## SP: Ladrão de bolsas arrasta diarista durante assalto

A vítima andava no bairro do Tucuruvi, na Zona Norte de São Paulo, quando foi surpreendida por um ladrão de bolsas. Durante o assalto, a mulher caiu no chão e foi arrastada pelo bandido, que fugiu de moto logo em seguida.

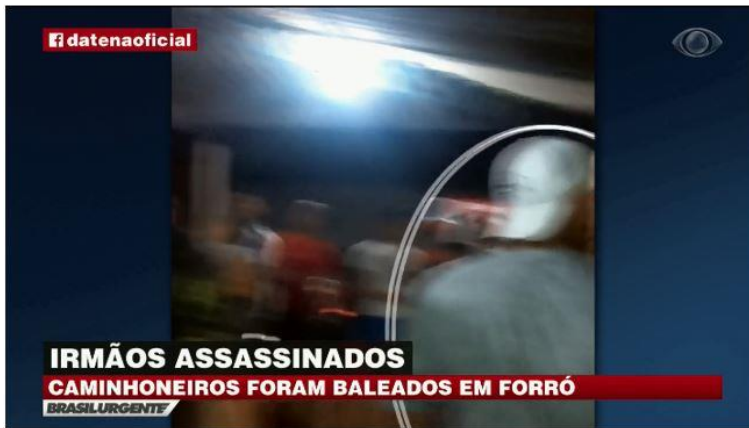
28/03/2018 2390 visualizações



Acesso em <https://bit.ly/2jZjkxl>



## Anexo 6



## Americana: Irmãos são executados em bar

As vítimas estavam em uma festa em um bar em Americana, interior de São Paulo, quando uma discussão teve início. Ambos irmãos foram assassinados a tiros e uma outra pessoa ficou ferida.

28/03/2018 669 visualizações



Acesso em <https://bit.ly/2L5w5mC>

## Anexo 7



## SP: Ladrões de carros que machucaram mãe e bebê são presos

Após analisar as imagens veiculadas pelo Brasil Urgente, a Polícia Civil prendeu três criminosos responsáveis por assaltos a automóveis na Vila Ré, Zona Leste de São Paulo. Durante a ação criminosa, uma mulher, que estava com sua filha no colo, foi derrubada pelos bandidos.

26/03/2018 1237 visualizações



Acesso em <https://bit.ly/2Ggoluj>

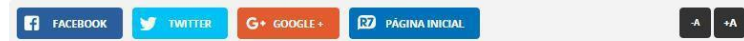


## Anexo 8

### Balanço Geral DF

0 23/3/2018 às 17h35

#### Acusado de estuprar adolescente de 12 anos está solto



A adolescente, de 12 anos, foi estuprada por um amigo da família, em Novembro de 2017. O acusado ficou preso por 5 dias e agora está solto.

Tags: [record](#), [balanço geral df](#)

Acesso completo em: <https://bit.ly/2H8uFpo>

### Cidade Alerta Nacional – Rede Record de Televisão

0 13/4/2018 às 20h03

#### Câmera mostra sequestro de empresária em estacionamento



O carro usado pelos sequestradores havia sido roubado pela quadrilha, que levou a vítima para um cativeiro em uma cidade vizinha.

Acesso completo em <https://bit.ly/2JOGnHf>

## Cidade Alerta DF

© 30/3/2018 às 21h24

### Distração na rua ajuda ladrões de celulares no Distrito Federal



Segundo a Secretaria de Segurança Pública, em 70% dos assaltos a pedestre no Distrito Federal, a vítima estava distraída usando o celular. A repórter Kristine Otaviano foi às ruas e flagrou várias pessoas de olho na tela do aparelho; confira

Acesso completo em <https://bit.ly/2JZ7O1h>